a Cena muda

CINEMA e RÁDIO

ODETE AMARAL FUGIU PARA CASAR

"A MORTE DO CAIXEIRO VIAJANTE"

DIRCINHA JÁ TEM A SUA TORCIDA

N.º 43 ★ 24-10-52 ★ Preço Cr$ 3,00



Os 5 deveres da insinuante

1º Dar recepção fidalga e carinhosa
(O CLIENTE É O REI DA CASA)

2º Vender pelo menor preço
(LUCRO EXAGERADO É ROUBO)

3º Entregar a mercadoria a domicilio
(NÃO É FAVOR; É UMA OBRIGAÇÃO)

4º Atender a todas as reclamações
(O CLIENTE TEM SEMPRE RAZÃO)

5º Trocar a mercadoria ou devolver a importancia. (COM O MESMO SORRISO COM QUE FOI ADQUIRIDA)

a insinuante
Sapataria Mais querida da Cidade

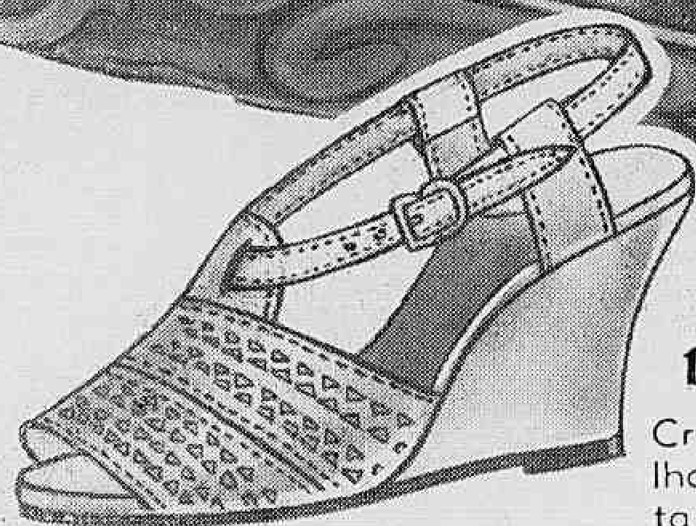
insinuante

GALERIA

insinuante

140

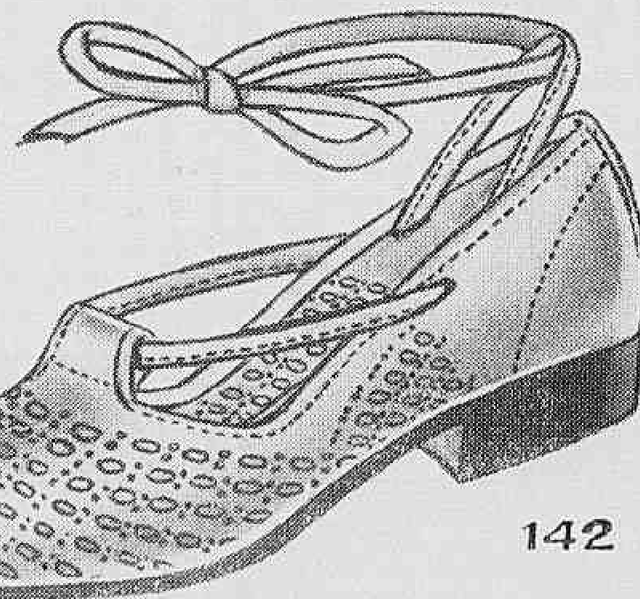
Cr$ 195,00. Lindo sapato de camurça branca com guarnições de diversas côres. Núm.: de 32 a 39



141

Cr$ 198,00. Uma maravilha! Camurça branca, preta e azul. Núm.: de 32 a 39

Remetemos para todo o Brasil. Porte por par, 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal.



Cr$ 150,00. Lindíssimo sapato em graneado branco, verde ou vermelho. Um sapato que é uma jóia. Num.: de 32 a 39

142

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG

LEVY KLEIMAN
apresenta em



CINEMA

REPORTAGENS ESPECIAIS

TRIANGULO DESFEITO, por Luelinha Passos 4/ 5
LUIS DELFINO, «O MINEIRO DE MACAÉ» 7
ELEONOR PARKER, A «PEQUENA QUE NINGUÉM CONHECE» 11
VENENO 18/19

CINE-ROMANCES

PONTO FINAL 12
HORA DA VINGANÇA 14
A MORTE DO CAIXEIRO-VIAJANTE (primeira parte) 16/17

SEÇÕES PERMANENTES

Estréias no Mundo do Cinema 6
Telas da Cidade 8/ 9
Notícias e Comentários do Cinema Nacional 10
Cine-Mundial 13
O que a tela não mostra 15
CENA responde e Cinecrítica do leitor 20

RÁDIO

REPORTAGENS ESPECIAIS

ODETE AMARAL FUGIU PARA CASAR 21/23
CUIDADO COM A RADIO DA POLICIA 25/26
DIRCINHA JÁ TEM A SUA TORCIDA 27/28
A HISTÓRIA DE EDU DA GAITA ... 24

SEÇÕES PERMANENTES

Disse-me-disse, Daqui - dali - dacolá, Pontos-de-vista 24

MÚSICA POPULAR

Chacrinha Musical, de Abelardo Chacrinha Barbosa 29
Para você cantar 30

RADIONOVELA

As Rosas de Maria Angélica, de José Fernandes, 8º capítulo 31/32

PÁGINA SENTIMENTAL

QUANDO FALA O CORAÇÃO e RADIO-SOCIAL 33

FOTOS

Alberto Ferreira Lima, Alexandre Miranda, Augusto Valentim, Hélio Brito, Metro, Warner, Fox, Vera-Cruz, Sacra-Filme, R.K.O., Columbia, Rio-Mar e avulsos.

COMENTÁRIO

ASSIM TAMBÉM NÃO...

Há um cavalheiro — cujo nome não vem ao caso citar — que, com uma constância invejável, grita pelas colunas do seu jornal contra o que êle chama de cretinização de uma grande diversão, no caso o rádio. Nas suas costumeiras diatribes, o homenzinho assaca as mais pesadas injúrias à laboriosa classe radiofônica, asseverando nas suas crises de fígado que o "broadcasting" carioca não tem quase nada que valha a pena ser ouvido. Para êle, não temos humoristas, não temos cantores, não temos radiatores, não temos ensaiadores, não temos novelistas, não temos produtores, não temos, finalmente, diretores. É assim, a radiofonia, no dizer dêsse crítico rançoso, um deserto de homens e de idéias. Como se depreende à primeira vista, êsse cavalheiro não ouve rádio nem acompanha o noticiário sôbre as atividades radiofônicas. Se assim não fôsse, êle não desconheceria a existência dêsse fabuloso Paulo Roberto, fabricante de programas dos mais talentosos, cujos "scripts" qualquer um assinaria em cruz, tal a qualidade dos mesmos; saberia, também, que o rádio brasileiro tem um Rodolfo Mayer, radiator de que se orgulharia o sem-fio de qualquer país, figura excepcional do teatro, do cinema e do rádio (vide o sucesso de "mãos de Eurídice" e "Obrigado, doutor") e ensaiador de mão cheia, responsável que é pelo aparecimento de inúmeros valores no campo do teatro cego; não desconheceria, igualmente, que possuímos excelentes novelistas, como Amaral Gurgel ("Ternura"), Otávio Augusto Vampré ("O primo de Lisboa"), Ghiaroni ("Mãe), Aldo Madureira ("As nuvens passam depressa"), Oduvaldo Viana ("Renúncia") e muitos outros que seria ocioso citar; conheceria da mesma forma êsse fecundo Max Nunes, responsável pelos mais engraçados programas do "broadcasting" guanabarino, sem falar em Lauro Borges e Castro Barbosa, outros sujeitos engraçados; não desconheceria, é óbvio, que não nos faltam cantores de categoria e que possuímos um Sílvio Caldas, artista que por si só honraria a nossa radiofonia; não esqueceria que temos diretores capazes, profundos conhecedores do metier, e a obra realizada por Vitor Costa à testa da Rádio Nacional está aí mesmo para corroborar as nossas assertivas. Se êsse cavalheiro ouvisse rádio — repitamos — não bordaria comentários tão infelizes, pois veria que nosso "broadcasting" não é um deserto de homens e de idéias como êle quer. Porque o dia em que tal acontecer, nós, que também pertencemos a êsse rádio tão vilipendiado, preferiremos ser — com licença da palavra — trocadores de ônibus.

MILTON SALLES

NOSSA CAPA

Anselmo Duarte e Leonor Amar, as duas figuras centrais de «Veneno», um filme policial da Vera-Cruz, do qual apresentamos uma reportagem nas páginas 18 e 19.

EXPEDIENTE

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor-presidente **Gratuliano Brito**
Assistente **Renato de Alencar**
Chefe de Publicidade: **Severino Guimarães**
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil
TELEFONES:
Redação 22-4447
Administração e Publicidade 22-9570
Gerência 22-8647
Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602
Endereço Telegráfico: REVISTA
Distribuição e Publicidade em São Paulo: AGÊNCIA ZAMBARDINO, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1596

PREÇO e ASSINATURA

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	3,00
Assinatura anual (52 números).	Cr$	150,00
Assinatura semestral (26 núm.)	Cr$	75,00
Assinatura anual sob registro..	Cr$	180,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	90,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	280,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	140,00
Número atrasado	Cr$	4,00

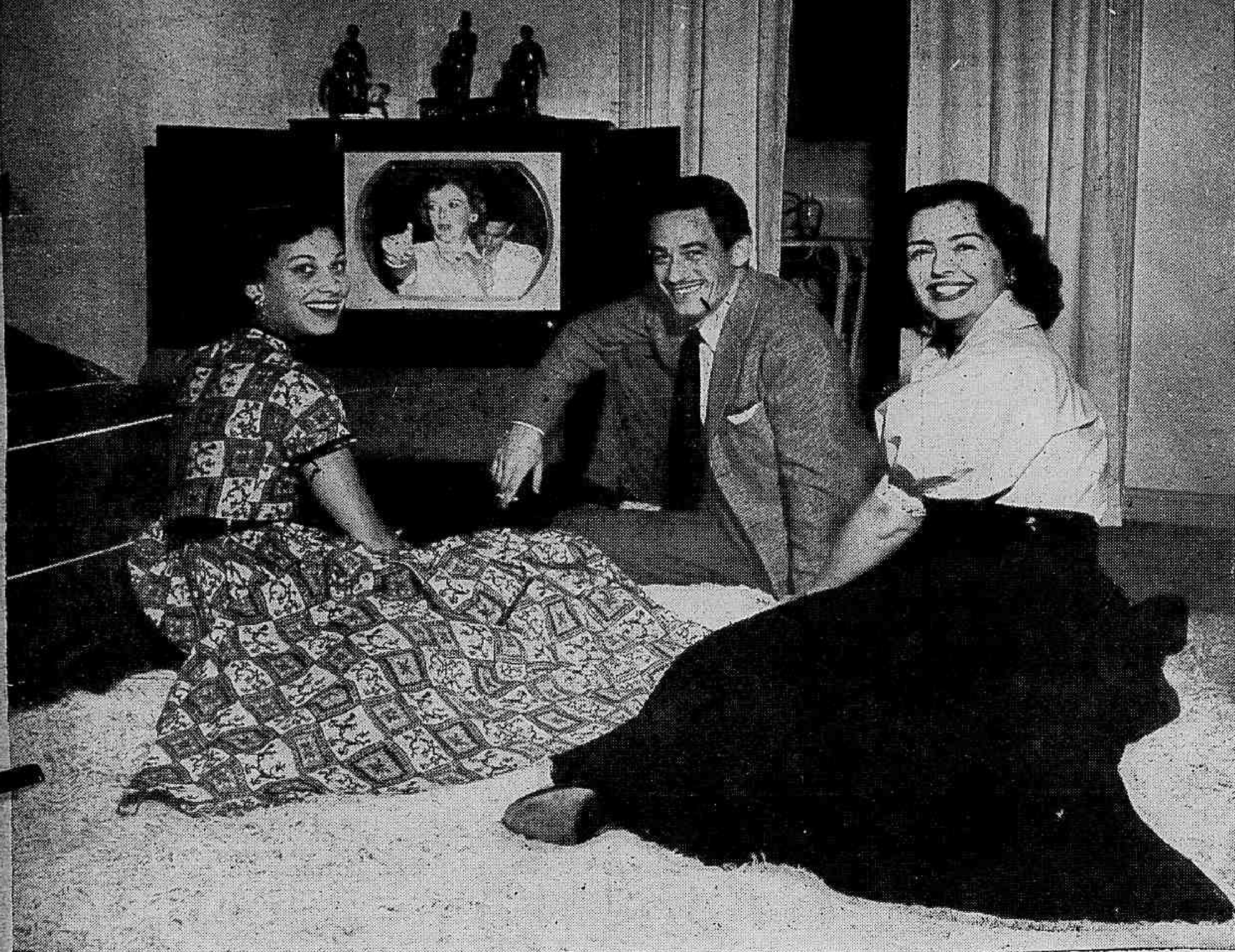
TRIÂNGULO DESFEITO

Por LUELINHA PASSOS
Fotos de AUGUSTO VALENTIM

No reino da Dinamarca do cinema nacional fala-se tanto sôbre assuntos sôbre os quais não se deve falar, que A CENA MUDA foi obrigada a me trazer especialmente dos Estados Unidos para escrever os mexericos do cinema nacional. Já que ninguém se interessa com problemas outros, somos obrigados a nos ocupar da vida particular daqueles pobres coitados que só porque vivem do atuar diante da câmara, têm as suas vidas passadas, repassadas, investigadas e devassadas.

Assim, para iniciar, temos um grande acontecimento. (Muito maior do que aquêle deselegante congresso de cinema, onde não houve «cocktails», nem «partys» e onde só havia discussões e trabalhos. Imaginem que até as nossas estrêlas se rebaixaram a colar cartazes e participar dos trabalhos do congresso! Que provincianas! Mas agora eu cheguei!...).

Bem, mas o que aconteceu foi algo verdadeiramente grandioso. Imaginem que a Ilka, aquela coisinha deliciosa, de deliciosos olhos verdes, rompeu seu noivado com o Miroslau. Ora não conhecem



O triângulo completo: Fada, Ilka e Miro olhando sorridentes para o fotógrafo quando deviam é apreciar a bela e talentosa atriz Ida Lupino na TV



Ilka Soares em companhia de sua mãe no seu decorado apartamento



Cantada mútua



Um brinde com um Cuba-Libre para mostrar que está tudo legal

o Miroslau? Então telefonem já, já para a amiguinha e digam-lhe que Miroslau é sinônimo de Miro. Miro Cerni. Sim, rompeu-se o noivado. Êle é um «cara» pacato, que estuda na faculdade, acemista constante. Ela, por sua vez, queria continuar a ser estrêla. Resultado: romperam, «mas continuaram amigos»...

Apareceu a Fada. Disseram que foi ela a causadora, por causa daquele filme «Fôrça do Amor», quando ela e o Miro estiveram juntos. Bem juntos, até...

— Mas somos grandes amigos, dizem as duas ao mesmo tempo.

E para provar isto, na festa do Casablanca, a Fada só falava no Cyleno (cada nome cabuloso!). Para encurtar conversas, o Cyleno é o Cyl Farney. Pois é, ela só falava no Cyl e com o Cyl. O triângulo que todos esperavam desfêz-se lamentàvelmente. Transformou-se num quadrilátero. Agora só falta, para cúmulo de azar nosso, que o Cyl e o Miro se tornem grandes amigos.



Com duas maravilhas dêste quilate quem é que não fica com a cara do Miro



O rei e a princesa, são os papéis que vivem Anthony Dexter e Jody Lawrence no filme da Columbia, «O Rei e o Aventureiro»

★

aliás, concluir coisa alguma pois, nem sempre êle representa um fator de boa qualidade. "Subida al Cielo" promete bom cinema, dêsse que os mexicanos tão parcimoniosamente nos enviam.

"O REI E O AVENTUREIRO" (The Brigand)

Filme inspirado num conto de Alexandre Dumas. E' preciso dizer mais alguma coisa? Não é mais devemos ir avante. Mandorra é um pequenino reino encravado nos Pirineus onde reina um sujeito parecidíssimo com Anthony Dexter (começamos a desconfiar que êsse rapaz não tem feições próprias...). Olhando para o aventureiro Carlos Delargo (Dexter), que havia morto no deserto o embaixador de Madorra, devendo pagar seu crime com a morte na forca, o rei (Dexter) tinha a impressão de estar diante de um espelho. Ambos, rei e aventureiro, são pessoas de boa paz e como Delargo era amigo do sultão de Marrocos e como também era preciso agradar a êsse sultão para fortalecer a aliança contra uma eventual conquista de Napoleão, dá-se um jeito para que o rapaz não morra na forca. Jody Lawrence faz uma princesa que ama o aventureiro pensando que ama o rei. E assim por diante...

Prognóstico: Pode ser que êsse filme tenha lá as suas qualidades cinematográficas, não por certo pela história infantil que só como história infantil deverá ser admitida.

Estréias no MUNDO do CINEMA

"SUBIDA AL CIELO" (Subida ao Céu) — Filme mexicano

O cinema mexicano tem se preocupado muito mais em retratar o lado triste e miserável do México que em fixar os seus aspectos alegres e a vivacidade natural de um povo que sabe também ver a vida através de um prisma de otimismo. "Subida al Cielo" é um filme dessa última natureza em que Frank Capra, nos Estados Unidos, é o mestre inexcedível e cujas pegadas Luís Bunuel, abandonando os entretons sombrios de seu "Olvidados", procura seguir no cinema de sua pátria.

O tema de "Subida al Cielo" é o mais despretencioso possível: uma simples viagem em um automóvel dentro do qual cinco pessoas estranhas entre si se entrosam e se mesclam na revelação de suas confidências, de suas aspirações e de seus problemas. Tanto no desempenho de seus atores como no tratamento que Bunuel deu a essa história banal e fascinante, o filme lembra as melhores obras do cinema italiano onde os atores não parecem atores e o próprio ritmo da narrativa tem o mesmo andamento de um processo real.

Lilia Prado, Carmelita Gonzalez, Esteban Marques, Pitouto e Luís Aceves Castadena são os intérpretes de "Subida al Cielo".

Prognóstico: Não há ineditismo nas linhas gerais do tema explorado por Bunuel. Do ineditismo ou não de uma obra cinematográfica não se pode,

★

Lilia Prado oferece fogo a Luís Aceves Castaneda, um «chauffeur» com uma cara amarrotada e uma cabeça cheia de fantasia...



O rapazinho que certa vez deixou o lar paterno em Ouro Verde, em busca de suas ambições, que já foi vendedor de máquinas elétricas e cantor de clubes noturnos, é precisamente êsse que se chama, na realidade e na vida artistica, Luiz Delfino e é filho de Elminda Esteves Santos e Leopoldino Santos Júnior. Aliás, podemos medir o talento do consagrado "Ananias" do musical-carnavalesco "Tudo Azul", rodado nos estúdios da Flama, pelos incidentes pitorescos de sua trajetória artística, que se não é fabulosa, não é "arranjada", tem a vantagem de ser, sobretudo, da vida de um jovem ambicioso e lutador. Delfino nasceu em Ouro Prêto, Minas Gerais, mas em Macaé, no Estado do Rio, é que foi feito o seu registro oficial. E irreverentemente alcunhado de "Mineiro de Macaé"... Começou seus passos artisticos ainda bem moço, logo depois dos estudos que completou no Ginásio Santo Antônio de Pádua, em Minas. E o que de mais interessante marcou o início de suas atividades no teatro, foi de nêle estrear como amador (em Ouro Prêto, representando em "Direeu e Marília", de Castro Alves), quando já era então um profissional. Conta Delfino que nessa ocasião é que veio a conhecer Ouro Prêto, fato de dupla emoção em sua vida, porque estreava no teatro e conhecia sua cidade natal. No Rio de Janeiro, em 1947, o nosso biografado era lançado pela Companhia Alma Flora, e, imediatamente, quando Dulcina voltava de sua temporada com a peça "Chuva", na Argentina, estava êle com as responsabilidades dos papéis de "A Filha de Iório" e "Já é manhã no mar", numa temporada no Teatro Municipal. Fêz o "Joe Horn", dono da estalagem de Pago-Pago, na peça "Chuva" (de Somerset Maugham), e em "Avatar", de Genolino Amado, cumpriu trabalho de destaque. Surgiram então as peças de Silveira Sampaio, no Teatrinho Íntimo de Copacabana, de 1949 à 1950, quando então êle substituiu Teófilo de Vasconcelos em "Da necessidade de ser poligamo". Apareceu com sucesso em "A Garconiére de meu marido" e em "O Impacto", onde viveu um personagem de dificil composição, em três mutações distintas. Para Delfino, o "Joe Horn" de "Chuva" é um personagem apaixonante e de grande credencial para o ator. No Cinema Brasileiro, Luiz Delfino já fêz "A inconveniência de ser espôsa", cine-adaptação da peça de Silveira Sampaio, "A mulher do diabo", e não "As sete viúvas do Barba-Azul", "O canto da saudade", e, recentemente, para a Flama, "Tudo Azul" (no papel do complicado "Ananias", que êle considera um personagem a seu gôsto) e "Com o diabo no corpo", comédia musical onde tem largas possibilidades para se impor definitivamente. As tendências dêsse jovem ator estabelecem gostos pelo teatro moderno (tem grande desejo de fazer o "Tom" de "Glass Menagerie", de Tenessee Williams, obra que recentemente vimos no cinema estrangeiro com o título de "Algemas de Cristal" e onde Arthur Kennedy fazia aquêle papel) e pelo clássico opta, especialmente, pelo "Iágo", de Shakespeare. Sente que ainda não encontrou o personagem ideal para incarnar, tanto no cinema como no teatro, que seria o tipo introspectivo, com vida própria. Delfino assegura que jamais daria para vilão. Na literatura aprecia Aldous Huxley, que considera um escritor com sentido universal. Esclarece ainda que acredita piamente no Cinema Brasileiro, e não mais admite o têrmo de que cada produção seja "Mais um passo..." Durante as filmagens de "Tudo Azul", na Flama, nasceu o comentado idílio entre êle e a atriz-cantora Marlene, que se concretizou em festivo e ruidoso casamento realizado na Igreja de Nossa Senhora do Outeiro da Glória, no Rio, a 25 de julho de 1952. Luiz Delfino dá aos fãs a mesma importância de uma carreira consagrada às boas causas do cinema. Os fãs são absolutamente indispensáveis ao estímulo do artista.



VIDA de ARTISTA

LUIZ DELFINO "O MINEIRO de MACAÉ..."



TELAS DA



TAMBORES DISTANTES

Assinado igualmente por um mestre «Tambores Distantes», western também, difere em muito do outro filme analisado. Se no filme de Fritz Lang («O Diabo feito mulher»), há esboços psicológicos, há personalidades desenhadas, e consqüentemente o choque inevitável entre elas, e se no filme de Fritz Lang há Drama, no de Raoul Walsh, (que é o diretor que assina êste «Tambores Distantes»), ha sòmente suspense, o jôgo com o imprevisto. Há sòmente ação, movimento.

Se no filme de Lang, os personagens são tipos mais humanos e verossimeis, no de Walsh, o Capitão Wyatt, encarnado por Gary Cooper, surge pintado com côres mais legendárias, fantasiosas e folhetinescas. Se Lang, procurou fugir àquelas situações «em que o mocinho é o motor», não o conseguindo integralmente, já Walsh, nem procura fugir destes feitos absurdos e «Tambores Distantes» torna-se, assim, uma coleção de façanhas bem sucedidas, com as quais o espectador se delicia, mas com as quais êle não se identifica como no caso do filme de Lang.

Há entretanto a segura e hábil mão de Walsh a conter o andamento do filme, dando-lhe um ritmo narrativo bom e uma inofensividade que o diferencia da maioria das obras do gênero. Aliás é Walsh um dos poucos diretores do passado, que comercializando-se, manteve uma relativa consciência e honestidade no fazer as coisas.

Mas algo de grande valor que talvez escapa àqueles que se empregnam por demais na história, é a belíssima partitura de Max Steiner. Uma beleza! Ela tem as côres e a fôrça de uma Sinfonia dos Estados Unidos: temas sulinos misturando-se com temas selvagens, dinamizados por um ritmo, que, poderíamos chamar de percurso do jazz e adquirindo por momentos, aquela doçura romântica e pura, típica d. Gershwin.

Vejam o filme de olhos e ouvidos atentos. Revejam-no, de olhos fechados e as mãos... Bem, as mãos...



"O DIABO FEITO MULHER"

(RANCHO NOTORIUS)

Semana de «westerns» esta. O significativo gênero cinematográfico, tìpicamente americano foi por assim dizer, criado, por Tomas Ince, que, a exemplo dos suecos aproveitou o exterior a Natureza, dando-lhe paralelamente, o ritmo americano e as côres trágicas clássicas.

Mias tarde o «western» tornou-se gênero maduro e coeso, com obras como «Stage-coach» ou «The Oxbow incident». Neste meio tempo, entretanto, o filme de «cow-boy» foi por diversas vêzes elevado as alturas e por diversas vêzes reduzido aos niveis mais baixos, tornando-se «leit-motiv» dos filmes de última categoria. A falta de imaginação de Hollywood fêz com que o assunto fôsse tão explorado que por mais que um realizador ou cenarista, virasse o assunto, êle «dava de cara» com um batidíssimo lugar-comum.

Neste último ano, se não nos falha a memória, tivemos sòmente dois filmes aceitáveis dentro do gênero: «Marca Rubra» (Branded) de Rudolph Maté com Allan Ladd e êste «Rancho Notorius». O resto, e êste resto é considerável, foi deturpação da história dos Estados Unidos, servindo de fundo, para brigas, tiros, romances, mais uma grande briga final e o final feliz.

O realizador de «Rancho Notorius» é o famoso Fritz Lang, um dos mestres do expressionismo alemão e que assinou diversas obras que são verdadeiros marcos na arte cinematográfica. Entre elas destacamos: «Ziegfried», «Os Nibelunges», «Metropolis», «M». Nos EE.UU., para onde imigrou posteriormente êle fêz duas grandes obras, sentindo-se nelas (bem com em «M») o problema Homem, elevado as etapas máximas convertendo-se em problema social e tornado contundente e vigoroso pela fôrça dramática imposto às obras. Trata-se de «Fúria» com Spencer Tracy, que aborda o linchamento e «Vive-se uma só vez» com Henry Fonda.

Em «Rancho Notorius» percebe-se a mão do mestre, o que não acontece em suas últimas obras, de temas fracos igualmente, mas sem até mesmo o prêmio de um bom tratamento.

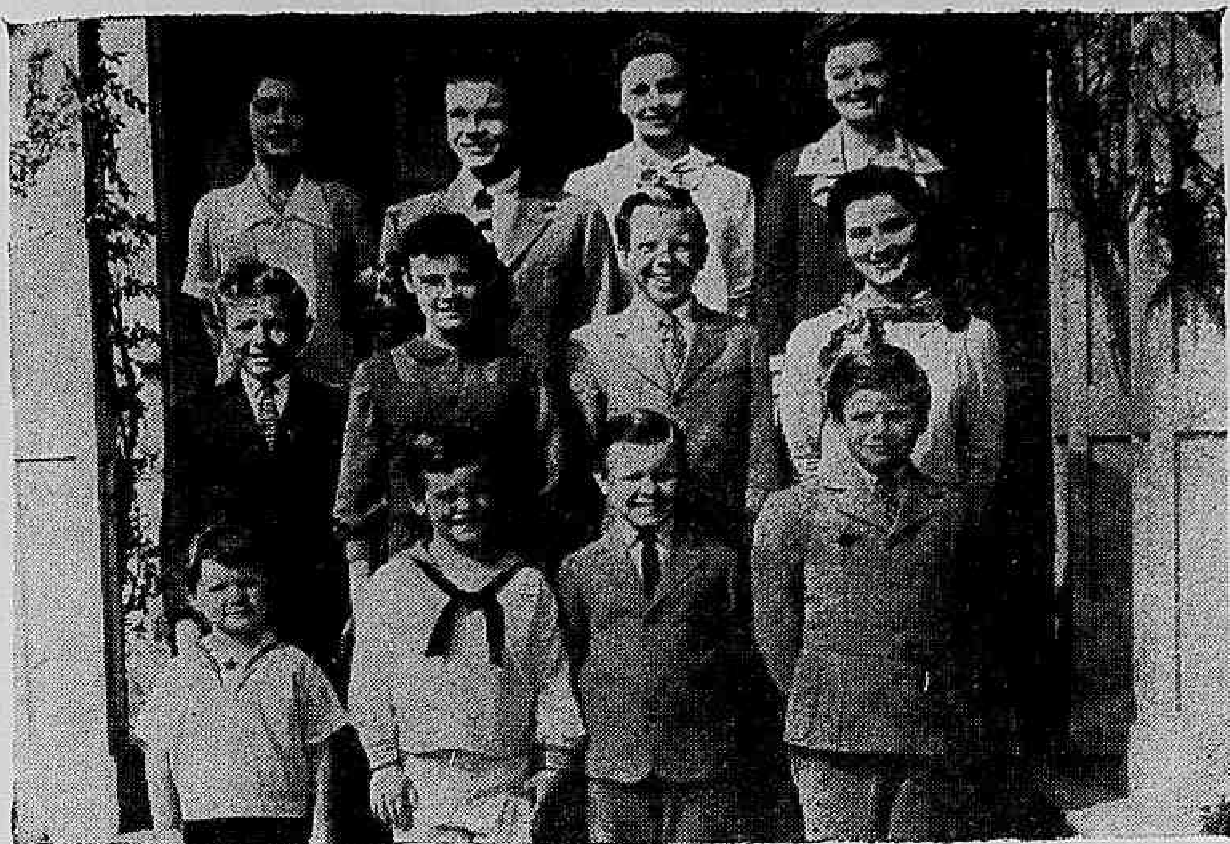
E exatamente o tratamento dêste filme que o torna acima de mediocre. Vem em primeiro lugar a sua narração, excelente, fluente, germânicamente medida e funcional, sem tropeçar nos «flash-backs», ao contrário usando êles para dar maior riqueza de detalhes. A seqüência inicial é uma pequena maravilha de tratamento, culminando com aquêle plano em detalhe do pé de Arthur Kennedy, ao montar no cavalo, detalhe êste que sòmente no fim do filme será justificado, quando o assassino o reconhece pela maneira de montar.

Nos méritos da narração entram ao mesmo tempo, os méritos dos ritmos (interno e externo), a funcionalidade dos planos, a sobriedade da angulação da câmera. A sua funcionalidade converte-se em beleza. A câmera é colocado onde ela possa captar **mais** e **melhor**.

E em segundo lugar sobressaem, os atores. A cinqüentenária Marlene, continua sendo não só a grande vedette mas a grande e maravilhosa atriz. Arthur Kennedy que nos deu aquela magistral interpretação do soldado cego em «Só resta a lembrança», volta a dar uma performance excelente. Pela primeira vez vimos uma história de cow-boy com um tipo tão humano, tão «elástico» em suas «teses». E graças a sua interpretação é conseguido isto neste filme. Mel Ferrer, sóbhio, é o «outlaw» o proscrito, perfeito.

O filme no fim, confunde-se com a bela e serena balada que lhe serve da background sonoro e narrativo.

CIDADE



FAMÍLIA DO GÊNIO

Desta vez sem o seu personagem central — o papai gênio — vemos mais uma obra da série que os produtores explorarão por mais alguns séculos, até que num arroubo de inteligência êles descubram outro manancial de filmes, tais como êstes do «Papai da noiva» etc.

A ausência do papai, que parece, morreu no último filme, faz com que os inúmeros problemas caseiros, sentimentais e materiais, caiam sôbre a mamãe. Sem grandes pretensões e muito menos intenções, Henri Levin dirige êste filme, não procurando conseqüência e nem a conseguindo.

Por duas horas, rimos de problemas que, fora do cinema, nem ousamos encarar. Aí talvez, reside o mérito de tais filmes, mas também aí reside o seu êrro: fazer do inverídico, do irreal, algo que pareça real, e convencer ao espectador que é assim que se resolvem os magnos problemas cotidianos.

Rimos bastante. Que seja humor, que sejam gags batidos, (alguns críticos já se deram ao luxo de só rir de piadas finas, intelectuais, depuradas. Os «gags» são para a «ralé»), o que importa é que rimos um pouco. Lavamo-nos assim da sordidez, da brutaridade dos filmes que nos vêm semanalmente.

Desempenho discreto de todo elenco. Sobressai também discretamente a atriz Debra Paget.



COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo



PECADORA IMACULADA

Se nossa convicção fica às vêzes abalada com um «Appassionata», ela, agora, fica sèriamente atingida com a exibição dêste filme de Rafael Mancini. E a única resposta àqueles frustrados que atacam o cinema nacional, só temos a responder que o cinema no Brasil está assim (ponham neste **assim** o têrmo que quiserem) porque êle não está sendo feito por aquêles que podem fazer coisa boa.

Se em «Appassionata», havia aquêle mau-gôsto «intelectualizado» e novo-rico, em «Pecadora» êle tem as côres mais vulgares e baratas. Nem uma novela radiofônica da Rádio Tamoio, do Rio, é tão estúpida!

A Metro-Goldwyn-Mayer continua em sua atitude de só exibir os piores filmes nacionais para assim descredenciar o cinema nacional ante os espectadores. Esta atitude, entretanto, seria totalmente inócua se o Serviço de Censura não desse «boa qualidade» a êstes filmes, obrigando assim que fôssem exibidos.

Mas o que falar dêste filme ou dêste realizador? Mancini é um dêstes italianos que veio ao Brasil dizendo que era cineasta. Conseguiu arranjar dinheiro, crédito e confiança e se meteu a dirigir filmes. Com certeza mostrou e provou que foi igualmente assistente de Rosselini, como todos êstes italianos dizem. A maioria, entretanto, veio aprender a fazer cinema aqui no Brasil. Sua ficha pessoal, que já é meia atrapalhada, fica mais **maculada** com êste **pecado** que fomos obrigados a assistir.

Do filme não falamos. Recusamo-nos terminantemente. Analisamos obras, mas **aquilo** é um abôrto!





Ilka Soares e Cyl Farney numa cena romântica de «Três Vagabundos», a mais nova produção da Atlântida

Notícias e Comentários do Cinema Nacional

Por JUSTUS

VALOR QUE SE FIRMA: Parece que o trabalho de Alex Vianny, agradou aos dirigentes da Flama, tanto que antes mesmo de terminada a filmagem de "Agulha no Palheiro" Alex já foi chamado para escrever os diálogos de "Rua Sem Sol", que a Flama vai produzir dentro em breve. Reunindo assim as qualidades de dialogista, cenarista, diretor e crítico (que pressupõe grandes conhecimentos teóricos), Alex Vianny tem diante de si muito a realizar dentro do nascente cinema nacional. Parabéns.

★

DOCUMENTÁRIOS E GENTE NOVA: Nos bastidores do cinema carioca, começa-se a falar insistentemente na próxima fundação de um grupo que se dedicará à produção de documentários. O interessante, e o valor dêste empreendimento, vale, primeiro, porque o grupo será integrado por gente nova, em segundo lugar, porque se trata de gente que conhece muito cinema, e em terceiro lugar, porque os filmes serão exibidos comercialmente, garantindo assim a ausência de um tom diletante e a presença de côres que os tornem acessíveis e vigorosos. O exemplo da Inglaterra, começa a frutificar. Mas por que é que uma iniciativa destas tem de ser feita com sacrifício e heroísmo (como é o caso dêstes jovens que estão fazendo misérias para conseguir o primenro dinheiro)? Por que é que os grandes produtores, os capitalistas, e o próprio govêrno não se interessa por tão louvável iniciativa como esta? Aguardemos.

★

CRÍTICOS DIVISIONISTAS: Usando pretextos de que a atual Associação Brasileira de Críticos Cinematográficos, é um órgão decadente, integrado por corretores de anúncio, preocupando-se exclusivamente com atividades sociais e mundanas e esquecendo-se de suas obrigações verdadeiras, usando estas alegações que, em parte, são verídicas, diversos críticos cariocas entre êles Moniz Viana, Hugo Barcelos, Décio Vieira Otoni, Salviano Cavalcanti de Paiva e Jorge Ileli, lançaram uma nova associação de críticos. O interessante disto é que um dêstes senhores foi um dos que mais batalharam, nas últimas eleições da ABCC, pela diretoria eleita! E, os outros três, são caracterizados por seu completo desinterêsse a tudo o que se refere a atividade coletiva. E o Ileli, por que é que se meteu a apoiou uma atitude destas? É dividindo que se conserta? Falta de senso estratégico! Discordamos.

★

ADEUS, COLORIDO! Infelizmente, Moacir Fenelon teve que mudar de idéia, devido à premência do tempo. O filme musical colorido que êle ia fazer para o Carnaval, terá que ser feito no habitual prêto-e-branco.

José Lewgoy e Josette Bertal fazem papéis destacados no mais recente filme rodado nos estúdios da rua Visconde do Rio Branco, «Os Três Vagabundos»

TRADIÇÃO

ÁGUA INGLÊSA GRANADO
• Aperitiva
• Tônica
• Fortificante

ÁGUA INGLESA GRANADO
TÔNICA E APERITIVA
CASA GRANADO

Cine Mundial

ESTADOS UNIDOS

Tom e Jerry, a festejada dupla gato-e-rato, terão papel destacado no musical «Dangerous When Wet». Os endiabrados personagens tomarão parte num «ballet» subaquático de Esther Williams, estrêla da película.

★

O ator John Lund sente uma tal paixão por escrever que durante a filmagem de «Desafio» (Bronco Buster) o estúdio teve que construir um camarim portátil de forma que permitisse ao ator utilizá-lo como escritório entre uma cena e outra. Atualmente, Lund está preparando um livro sôbre a guerra hispano-americana, em cujas páginas se revelam numerosos fatos, até agora desconhecidos, sôbre o presidente norte-americano Theodoro Roosevelt.

★

Acreditem se quiser, mas o assunto principal de uma conversa entre Humphrey Bogart e June Allyson é sempre sôbre seus respectivos rebentos. Humphrey está exultante de alegria com o nascimento de seu último pimpôlho, que recebeu o nome de Leslie, em homenagem ao ator inglês Leslie Howard. Bogart — Allyson é a dupla de «Battle Circus», da Metro.

★

Depois que terminou «Hans Christian Anderson», Farley Granger iniciou com Jane Powell «Small Town Girl» e já está escalado para fazer «Three Love Stories», com Leslie Caron. Como se vê, anda muito alto o câmbio de Farley...

★

Betta St. John e Deborah Kerr são as companheiras de Cary Grant na comédia «Dream Wife», que Sidney Sheldon está dirigindo.

★

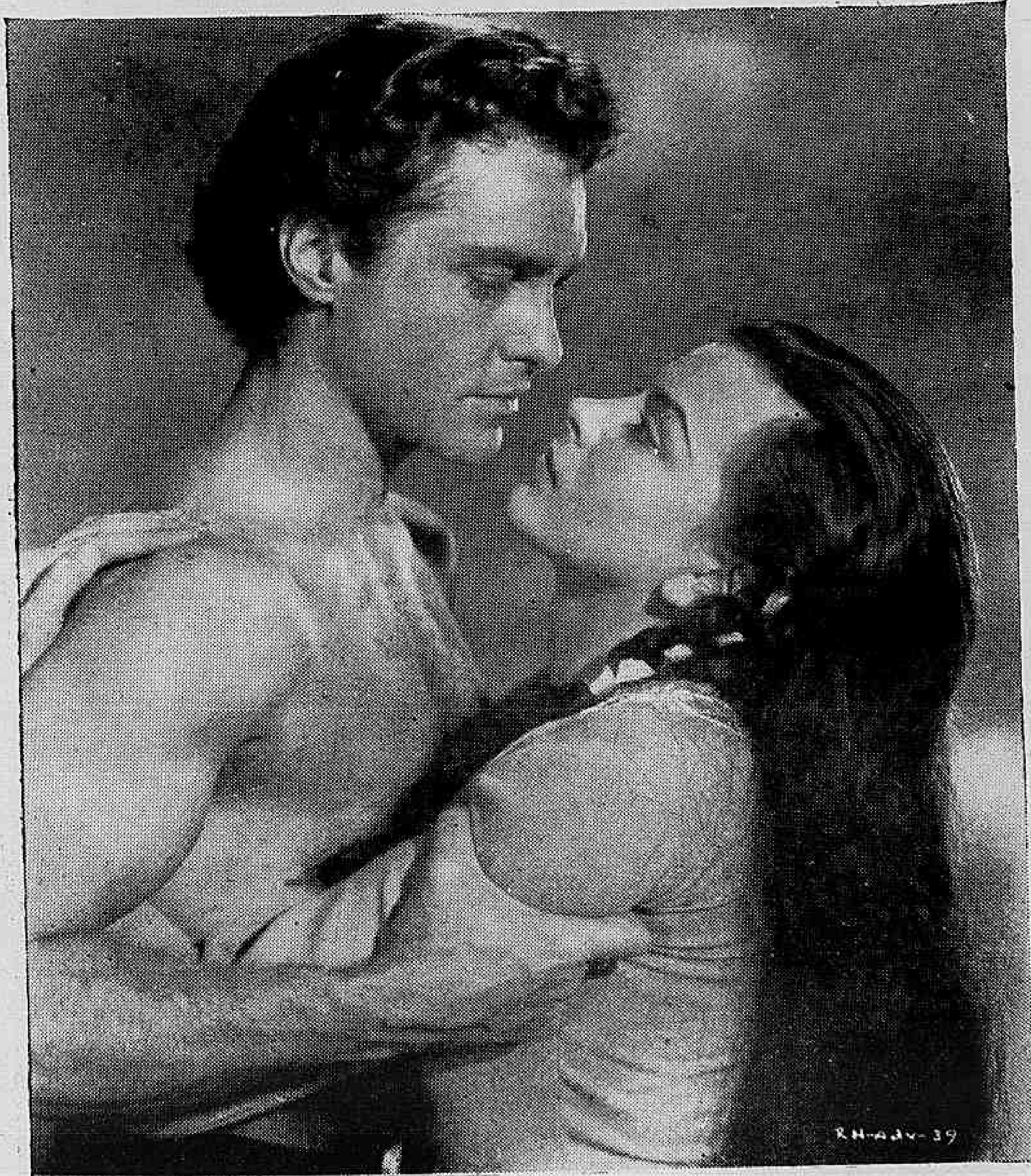
O elenco de «Code Two» está encabeçado por Sally Forrest, Keenan Winn, Elaine Stewart e Ralph Meeker. «Code Two» é uma produção de William Grady Jr. a ser dirigida por Fred M. Wilcox.

★

Depois de passar algumas semanas em Nova York em férias, a surprêsa que Leslie Caron trouxe para Hollywood foi que seu marido, George Hormel II, aprendeu a dançar e que já está apto a tornar-se seu «partenaire». Diante disso, temos mais um competidor para os Astaire, os Kelly e os Nelson.

★

O crítico cinematográfico do «New York Times» enumerou em um artigo os dez maiores filmes europeus dos últimos quarenta anos, da seguinte maneira: três franceses, («A Nous La Liberté», de 1931, «La Kermesse Heroique», de 1936, e «La Grande Ilusion», de 1938) três italianos, («Quo Vadis», de 1913; «Ladrão de Bicicletas», de 1949; e «Roma, Cidade Aberta», de 1946) dois alemães, («M», de 1939, e «Varieté», de 1936) um inglês («In Which we Serve», de 1942) e um russo («O Encouraçado Potemkin», de 1936).



O par amoroso de «Robin Hood, o justiceiro», Richard Tood e Joan Rice, a nova película de Walt Disney



O ator escocês, James Robertson Justice apresenta o seu falcão Kismet a Gregory Peck durante a filmagem de «As neves de Kilimanjaro», considerada a maior produção do ano da Fox

ITÁLIA

A estrêla cinematográfica Linda Darnell, que se encontra presentemente em Roma, pretende filmar na Itália uma película no estilo de «Stromboli»

★

Três filmes abordando temas da vida no mar estão sendo rodados na Itália: «I sette dell'Orsa Maggiore», «Terrore negli Abissi» e «Africa sotto i mari».

★

Fala-se com insistência que o ator Raf Vallone estreará como diretor em um filme que deve ser passado na Calabria.

★

O filme que estava sendo rodado sob o título de «Virgilio e la vacca» foi denominado «Primo premio: Mariarosa». O filme é de Sérgio Grieco e a personagem chamada Mariarosa é uma vaca fenômeno, que certamente irá fazer companhia nas telas a Francis, o mulo falante.

BRASIL

Encontra-se no Rio uma das mais destacadas personalidades do mundo cinematográfico internacional, D. Juan Bandera Molina, Presidente Geral de Pel-Mex, companhia creditada em mais de trinta e seis paises, inclusive no Brasil, onde tem várias outras filiais, à testa das quais encontramos o Sr. Enrique Molina Reyes, diretor dessa emprêsa em nossa terra.

Falou-nos o sr. Bandera Molina de uma intensa colaboração entre o cinema mexicano e o progressivo cinema brasileiro, através de artistas famosos, elementos novos e técnicos de reconhecida capacidade, bem como o sistema de co-produções. Declarou-nos, ainda, que êle, o sr. Bandera Molina, cada vez que nos visita se surpreende com o modernismo que marca a nossa arquitetura, dando um toque todo especial à nossa paisagem tropical. Todavia, frisou-nos o traço comum de sensibilidade latina existente entre o povo brasileiro e a raça azteca, daí o grande sucesso dos filmes mexicanos no Brasil, esperando-se, assim, futuramente, o mesmo êxito para os filmes brasileiros nas terras de Juarez e Porfirio Diaz.



D. Juan Bandera Molina, Presidente Geral de Pel Mex, logo após ao desembarque no Galeão, é recebido pelo sr. Alberto Simoens Bello, a quem prestou algumas declarações





Cine-romance

A HORA DA VINGANÇA

(DEADLINE U.S.A.)

ELENCO:

Ed Hutcheson ..	**Humphrey Bogart**
Mrs. Garrison ..	**Ethel Barrymore**
Nora	**Kim Hunter**
Frank Allen ...	**Ed Begley**
Burrows	**Warren Stevens**
Thompson	**Paul Stewart**
Rienzi	**Martin Gabel**
Schmidt	**Joseph De Santis**
Kitty Garrison Geary	**Joyce MacKenzie**
Alice Garrison Courtney	**Fay Baker**
Mrs. Willebrandt	**Audrey Christie**

CORPO TÉCNICO

Produtor, Sol Siegel — Diretor, Richard Brooks — Argumento, Richard Brooks — Música, Cyril Mockridge — Diretor de Fotografia, Milton Karsner, A.S.C. — Diretor Artístico, Lyle Wheeler, George Patrick — Montagem, Thomas Little, Walter M. Scott — Editor Fílmico, William B. Murphy — Direção do Guarda-roupa, Charles Le Maire — Figurinista, Elois Jenssen — Direção Musical, Lionel Newman — Orquestração, Edward Powell — Maquilagem, Ben Nye — Efeitos Fotográficos Especiais, Ray Kellogg — Som, E. Clayton Ward, Harry M. Leonard.

George Burrows, repórter do jornal metropolitano «The Day», investiga as atividades de Thomas Rienzi, chefe de uma poderosa rêde de crimes. A investigação nada revela, porém, Burrows está convencido de que Rienzi é capaz de todos os crimes imagináveis do mundo. O repórter pede ao seu redator-chefe, Ed Hutcheson que mantenha Rienzi no jornal e Hutcheson consente, distraído, pois, está mais preocupado com outra coisa: a notícia divulgada pela Associação da Imprensa de que «The Day» estava à venda. Isto naturalmente, perturba também o resto do pessoal, incluindo o redator Frank Allen e a senhora Willbrandt, uma repórter de cabelos ruivos que está trabalhando no caso da morte de uma loura que fôra encontrada boiando no rio vestida apenas num casaco de peles.

A presença de Hutcheson é solicitada para uma conferência realizada pela proprietária do «The Day», a senhora John Garrison, viúva do fundador dêsse jornal e de suas filhas casadas Alice Garrison Courtney e Kitty Garrison Geary. As jovens estão ansiosas para que o jornal seja imediatamente vendido mas a senhora Garrison está visivelmente relutante, sentindo que o seu falecido marido não o aprovaria. Os advogados dizem que o comprador, Lawrence White, proprietário do jornal rival, o «The Standard», pretende pagar 6.500,00 pelo «The Day». Hutcheson receberá bônus no valor de 50.000 enquanto os outros empregados receberão duas semanas de salário. Hutcheson chama a isso de «crime» mas seus protestos à morte de «The Day», são em vão. O jornal circulará como de costume até que a venda seja aprovada pelo tribunal, dentro de dois dias. Quando Hutcheson tristemente informa o pessoal de que todos estarão muito breve sem trabalho, êles organizam um «velório», à uisque, no bar de O'Brien. Todos ficam embriagados e sentimentais, inclusive Hutcheson que resolve ir visitar sua ex-espôsa, Nora, de quem se havia divorciado mas a quem ainda ama de todo o coração. Embora também o ame, Nora acha que é com o jornal que Hutcheson está realmente casado... Por isso ela lhe pede para retirar-se Hutcheson passa a noite em sua casa, enquanto Nora dorme no sofá. Do jornal telefonam a Hutcheson avisando de que George Burrows, o repórter, havia sido raptado por dois homens de Rienzi que o haviam deixado quase morto depois de tremenda surra. Um dêles fôra reconhecido por Burrows como sendo Whitey, um ex-boxeur. Hutcheson dá ordens ao pessoal para lançar um forte ataque a Rienzi pelo jornal. Rienzi se queixa da publicidade que fazem em tôrno de seu nome e diz que deseja falar com Hutcheson.

Naquela noite, Hutcheson janta com Nora que lhe participa o seu próximo casamento. Êles são interrompidos por um chamado telefônico de Mrs. Willebrandt que informa haver sido a loura assassinada, identificada. Tratava-se de Sally Gardiner, reconhecida, porém, por sua mãe, como Bessie Schmidt. A senhora Schmidt dizia que tinha uma importante informação para o «The Day». Mais tarde, o redator Allen, telefona a Hutcheson, dizendo que o departamento de publicidade havia cancelado a história da senhora Willebrandt a respeito de Bessie Schmidt. Hutcheson corre ao departamento do gerente de publicidade onde vem a saber que Andrew Wharton, presidente de uma grande loja, não queria que a história de Bessie, aliás, Sally Gardiner, fôsse publicada. Wharton confessa ter mantido relações com Sally, durante 10 anos, que fôra vítima de chantagem por parte dela mas que, ùltimamente havia sido abandonado e que ela fôra para a companhia de Rienzi, a pessoa que lhe havia oferecido o casaco de peles — o mesmo que ela trazia quando fôra encontrada morta no rio. Hutcheson acredita na sinceridade de Wharton. O colunista Cleary descobre que Sally ou Bessie tinha um irmão, Herman Schmidt, um juiz de box. O colunista de esportes, Thompson, localiza Schmidt, e o traz a redação do jornal. Schmidt confessa que vira os homens de Rienzi matarem Sally por ter esta se recusado a devolver 200.000 que Rienzi lhe dera para guardar. Schmidt está a ponto de assinar a sua declaração quando Whitey e mais dois outros bandidos, vestidos como policiais, levam-no e o matam quando êle procura reagira, lançando-o do alto sôbre as possantes máquinas impressoras.

(Cont. na pág. 34)












O QUE A TELA NÃO MOSTRA...

Por LIVIO DANTAS

... Prossigamos em nosso ingrato mister de bisbilhotar a vida alheia que é de bisbilhotices que fundamentalmente vive esta seção e, por derivação própria, o seu responsável que é pago para fazer semelhante trabalho. Afinal, não nos sentimos constrangidos por essa contingência, pois se sabemos que nem só de bisbilhotice vive o homem, sabemos também que de pão quem vive exclusivamente é padeiro. Prossigamos, portanto. O diabo é que, mesmo no cinema, existem pessoas **inbisbilhotáveis** sôbre quem temos uma vontade incontrolável de escrever **algumas** linhas, já que não podemos passar a vida inteira a dizer coisas sôbre Yvone de Carlo, que é um livro aberto, nem sôbre a Marilyn Monroe, que é um jornal escancarado. Precisamos de alguém inacessível, como Katherine Hepburn que de tão segregada do mundo nos dá a impressão de u'a monja que fizesse filmes (e os faz muito bem, por sinal). Mas infelizmente não há novidades sôbre Kate, a não ser aquelas do domínio público e que se restringem a sua magreza, a sua feiúra e a seu talento. Por falar em sua magreza, olhando para ela, no "set" de "Pat and Mike", Spencer Tracy desabafou: "é bem verdade que minha amiga Kate não tem muita carne; mas a que tem é de primeira qualidade..." Quanto ao mais, Katherine Hepburn vai passando muito bem. Obrigado.

★

James Mason é universalmente conhecido primeiro por seus dotes invejáveis de intérprete dramático, segundo pela criação de gatos que mantém em sua residência. Mas o ator inglês não está só nesse "hobby". Os bailarinos Marge e Gower Champion também têm em casa 32 felinos, com a diferença de que 6 são vivos e o restante em... fotografias.

★

Arlene Dahl paga bem caro o preço de sua beleza. Para conseguir aquêle tom indefinível e aquêle brilho que mais parece uma auréola, ela banha os seus cabelos, dia sim dia não, em... champagne...

★

Não faz muito tempo houve um terremoto em Hollywood. E como um terremoto na pátria das estrêlas não é menos terrificante que em nosso mundo profano, os artistas se amedrontaram como qualquer um de nós. Claire Trevor foi uma que ficou apavorada, vendo-se, entretanto, na obrigação de ocultar o mêdo diante de sua filhinha que pulava de contente pensando ser King-Kong que estava chegando na cidade.

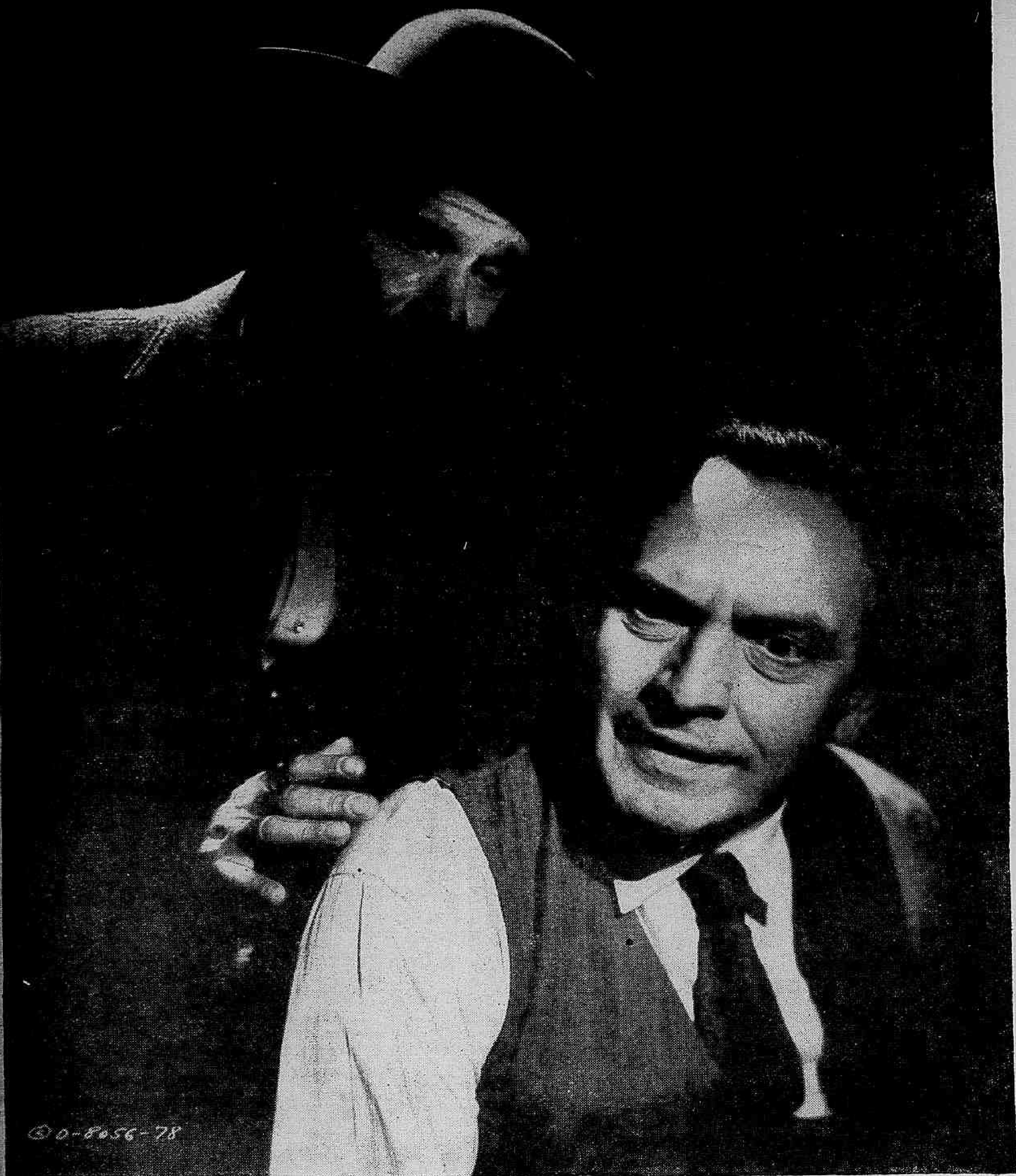
A SELVA AFRICANA

De KATHARINE HUPBURN

Muitas mulheres sonham com a vida glamorosa das estrêlas de Hollywood... mas a vida das grandes personalidades na tela nem sempre é um mar de rosas. E' verdade que vivem elas em casas luxuosas em Beverly Hills ou passam temporadas em Palm Springs, queimando-se com o sol quente da California. Possuem toiletes ricas, jóias caras e a adulação dos fãs... mas o que muita gente não sabe é dos trabalhos por que passam, quando são obrigadas a uma filmagem penosa em terras distantes. Vejamos o caso de Katharine Hepburn, estrêla de «Uma Aventura na África», que foi filmado inteiramente na selva do continente negro. John Huston, o diretor do filme, poderia contentar-se em rodar a produção nos estúdios de Hollywood, mas cineasta de valor, realista teimoso, levou a companhia para a África e ali passou uma longa temporada realizando a película.

Katharine Hepburn, nestes instantâneos, prova que sabe enfrentar uma situação difícil. Não tendo o confôrto de um camarim, ela muda a roupa em plena selva africana, usando um galho de árvore como cabide... Depois da filmagem, troca o vestido e as saias de baixo, por um par de «slacks», aliás, a sua roupa preferida quando não está trabalhando.

«Uma Aventura na África» oferece ainda o desempenho de Humphrey «Oscar» Bogart e de Robert Morley, o grande ator inglês. O filme é distribuído pela United Artists e foi feito em tecnicolor.



A figura imaginária do seu irmão morto Ben (Royal Beal) perseguia Willy Loman (Fredric March)

Título original: «Death of a Salesman» — Baseado na peça teatral do mesmo nome de Arthur Miller — Produtor: Stanley Kramer — Diretor: Laslo Benedek — Estúdios: Columbia Pictures.

ELENCO:

Willy Loman ..	**Frederich March**
Linda Loman ..	**Mildred Dunnock**
Biff	**Kevin Mac Carthy**
Happy	**Cameron Mitchell**
Ben	**Royal Beal**
Charles	**Howard Smith**

Procurava recordar desde quando as coisas lhe tinham saído erradas.

De certo, não teria sido ùnicamente nestes últimos anos em que tudo lhe fôra adverso, quando os filhos partiram para longe e enormes apartamentos se levantaram em tôrno de sua velha casa, a ponto de mal se avistarem as estrêlas. Talvez tudo tivesse começado naquele ponto em que não havia mais fregueses para seus negócios.

Coisa estranha, pois Willy Loman sempre fôra não simplesmente estimado, mas mesmo muito estimado. Tinha sempre uma brincadeira para um freguês, um cumprimento amigável para um companheiro. Acaso isso não seria tudo para um homem parecer importante e cuidar de grandes coisas?

Então, onde começou seu infortúnio? Quando?

Nenhum homem poderia desejar melhor espôsa do que Linda tinha sido para êle, desde os seus primeiros dias de convívio. E seu vizinho Charles, com seu próprio negócio — quem poderia desejar um amigo mais dedicado do que Charles? Mas, seus filhos, seus próprios filhos...

Chamavam-se Biff e Happy. Que era que havia de errado com êles? Há anos que Biff partira para o Oeste, trabalhando em «ranchos», em fazendas, nada porém de permanente e nem importante. Happy ficara mesmo na cidade mas sempre apressado, sumido, difícil. Como êles começaram de modo tão diferente...

Recordemo-nos de quando êles estavam ainda no colégio. Quando o pai chegava em casa, depois de uma semana de ausência, lá iam êles limpar o carro Chewy 1928 até ficar lustroso como espelho. E quando Willy saía para verificar o trabalho de seus garotos, Biff acompanhava-lhe cada passo. Willy Loman sentia-se grande diante de seus filhos.

No escuro, êle movia-se inquieto vendo em seu pensamento um tênue raio de sol numa longínqua primavera. Vendo o semblante feliz de seus filhos. Ouvindo a voz juvenil de Biff dizer: «Puxa, papai, nós estávamos ansiosos por você!»

Willy estendia então os braços sôbre os ombros dos meninos e dizia: «algum dia eu terei meu próprio ne-

Trinta e cinco anos de casamento não mudaram a adoração mútua entre Linda Loman (Mildred Dunnock) e seu marido Willy (Fredric March)

Cine-romance

A MORTE do CAIXEIRO VIAJANTE

(DEATH OF A SALESMAN)



gócio e nunca mais terei que sair de casa».

«Como tio Charles, papai?» Happy perguntava todo cheio de carinho e entusiasmo.

«Não. Muito mais que Charles. Charles é estimado, mas não é bem-estimado como eu». Começou então a contar para os filhos a sua última viagem, como tinha conversado com o prefeito de Providence e como fêz uma grande venda em Waterbury.

«A América está cheia de belas cidades e de gente boa. De cima para baixo, todos os rapazes me conhecem em New England». Lentamente, êle notava que estava segurando uma bola de futebol, bem novinha. Biff explicou-lhe que tomara emprestado lá na escola. «Você deve devolvê-la! disse Willy. Alguém surripiou esta bola e por causa disso deve ter havido uma grande confusão». Não, por certo, por causa de Biff. Biff era querido por todos.

Ainda muito cedo, Bernard, filho de Charles, apareceu na porta convidando Biff para estudar matemática. Bernard temia que Biff fôsse reprovado nos exames de junho. Willy começou a falar com seus filhos a respeito de Bernard.

«Bernard sempre consegue as melhores notas na escola, vocês sabem. Mas — aqui fora — vocês estão muito na frente dêle. O que vale num homem é uma boa aparência, é o interêsse pessoal que se cria em tôrno dêle.

Em verdade, a vida naquela década de 1920-1930 parecia que só consistia mesmo de pêssegos e sorvetes.

Voltando para casa, lá onde estava à espera a sua Linda, muitas vêzes sentiu-se atraído por outras mulheres que conhecera através das viagens que fazia. Linda, no entanto, era uma verdadeira amiga. Observando-a a cerzir suas meias, lembrava-se das meias de sêda que presenteara a outras moças de quem não poderia sequer lembrar agora os nomes.

Linda sempre tinha um sorriso para êle. Sempre uma palavra de confiança pelo êxito de sua última viagem e de estímulo sôbre a próxima.

«Você já está ganhando setenta a cem dólares por semana», dissera ela sem desviar os olhos de seu cerzimento. «E as crianças, Willy... Poucos homens são tão idolatrados por seus filhos como é você...»

«Você está sendo amável, Linda!» tentava dizer todo emocionado. «Eu fico tão sòzinho, especialmente, quando os negócios vão mal... E quando não tenho com quem conversar...» Porque tinha sempre êle que dar esplicações à sua mulher a respeito dessas coisas? «Há tanta coisa que eu quero fazer. E você, que está fazendo? Cerzindo meias?»

«Oh! Willy, eu gosto de fazer êste trabalho, principalmente agora que elas estão tão caras...»

«Não quero que você cirza meias nesta casa! Arrebatou-as das mãos dela. Aí, parecia que a situação tinha se modificado para melhor. Mas, não tanto assim. Lá estava o Biff com sua bola de futebol roubada. E os exercícios de matemática? Além de tudo, Biff era muito saliente com as meninas de sua idade, de maneira que as mães delas já começavam a reclamar. Freqüentemente, estava êle saindo com o carro sem possuir licença para dirigi-lo. «Mas, com êle não acontecerá nada...» Willy respondia a seus próprios pensamentos.

«Você quer que êle seja uma minhoca como Bernard? Não! Biff tem espírito, tem personalidade. A bola de futebol? Êle já devolveu, não foi?»

Ainda agora não podia compreender como as coisas vinham erradas de longa data, mesmo porque tudo que ensinara aos filhos foram coisas boas e decentes.

Mas, devia ter havido algum ponto de partida para essa derrocada. Talvez nestes últimos meses, mesmo nestes últimos anos quando saía de estrada a fora com sua bolsa cheia de amostras, embrenhando-se em longas distâncias e propagando tão mal a sua mercadoria, que, não raro voltava para casa sem nada ter feito. Houve, sem dúvida um comêço para tudo isso. Quem sabe se não foi naquela noite em que Charles o convida para jogar cartas, mesmo para se cansarem um pouco antes de dormir? Mas não. Não haveria razão de ter sido naquela noite.

Talvez por que êle não fôra para o Alaska com seu irmão Ben, depois que







Os filhos Biff (Kevin McCarty) e Happy (Cameron Mitchel) eram a alegria do pai Willy (Fredric March)

★

Ben voltou da África? Isso foi um grande êrro. Aquêle Ben era admirável. Começara com a pobre roupa do corpo e terminou possuindo minas de diamantes. Se ao menos tivesse visto Ben mais vêzes... Mas, não tivera. E agora, já muito tarde, Charles oferecera-lhe um emprêgo. Charles! Que não podia jamais reconhecer como Willy se sentia em saber que isso não seria uma coisa permanente, agora que Biff estava de volta em uma de suas raras visitas? Cedo Biff partiria novamente.

Agora Ben já estava morto. Tempos houve, porém, em que êle ocasionalmente aparecia na casa dos Loman. Naqueles dias, a casa ainda não parecia tão sórdida. Tudo era novo, limpo e brilhante. Mas mesmo assim, Ben achava que a casa era de uma pequenez horrorosa. Ben, que aos dezessete anos se embrenhara na floresta africana e que aos vinte já era um homem rico.

Quantas e quantas vêzes êle não tinha mostrado a seus filhos o exemplo de Ben? Quantas vêzes, não apresentara a lição de Ben, enquanto os três procuravam construir uma garagem com madeira surripiada às construções que começavam a se levantar em volta de sua casa? E a garagem nunca chegou a ter um telhado.

Agora, tantos anos depois, êle os ouvia a conversa na cozinha, Biff, Happy e Linda.

Biff falou meio incerto. «Mas, êle é assim mesmo durante todo o tempo?»

Lá na garagem, tropeçando, Willy parou para escutar. Esquecera até mesmo por que ali estava e a respeito de que estava matutando, momentos antes. Mas sabia que os rapazes estavam assustados ouvindo-o resmungar.

«E' que quando vocês chegam em casa êle fica pior», disse Linda. «Quando vocês avisam que vão chegar, êle é todo sorrisos e vive fazendo planos para o futuro». «Entretanto, quanto mais próxima se torna a chegada de vocês, mais abalado êle fica». «Mas por que vocês se odeiam tanto? Mal atravessam o limiar da porte e já começam a brigar. Finalmente, vocês voltaram para ficar em casa de uma vez?»

«Eu não sei, mamãe; eu não posso ficar prêso...»

«Biff, um homem não é como um passarinho que vem e vai de acôrdo com as estações». Sua voz parecia gelada.

«Você deve compreender que um dia você baterá nesta porta e encontrará aqui pessoas estranhas!»

«De que você está falando? Você não tem ainda sequer sessenta anos!»

«E o que é que você diz sôbre seu pai? Biff querido se você não guarda nenhum sentimento por êle, você não guardará também nenhum sentimento por mim. Para mim seu pai é o homem mais caro do mundo. E queria que ninguém o fizesse sentir-se desprezado...»

«Mas êle não tem caráter», protestou Biff nervoso. «Comporta-se como um lunático».

«Realmente, eu não digo que êle é um grande homem. Também não possui um caráter exemplar. Mas, é um ser humano e não deve cair na sepultura como se fôsse um velho cão. Você fala como se êle fôsse um idiota».

O amor de Biff por sua mãe sentiu-se magoado nesta resposta. «E' que... eu não queria dizer...»

«O pobreestá exausto. Tanto fica exausto um homem pobre como um homem rico. Seu pai trabalha para a mesma companhia há 36 anos e agora, em sua velhice, suprimiram o seu salário. Há cinco semanas que êle vive de pequenas comissões».

À esta altura, Biff explodiu. «Êsses cães ingratos!»

«Por ventura serão êles piores que seus filhos? Quando êle tinha o seu negócio próspero todos se alegravam em vê-lo. Agora, seus velhos amigos, seus antigos fregueses que tanto gostavam dêle — todos já estão mortos ou aposentados. Hoje, êle percorre setecentas milhas para Boston e ninguém o conhece. Que coisa vai na mente de um homem que percorre setecentas milhas sem ganhar um centavo? Por que motivo então não deva êle resmungar consigo próprio?»

Lá na garagem, ainda perscrutador, Willy tentava descobrir a respeito de que coisa estavam êles falando. Estava ali na garagem para falar com Biff, seu garôto, seu heròizinho de futebol sôbre uma varanda que os dois deviam construir na casa.

(Cont. na pág. 34)





VEN



Veneno é a oitava produção da Vera Cruz e está pronto para lançamento, o qual se dará no próximo mês. O argumento cinematográfico foi escrito por Gianni Pons, com diálogos de Afonso Schmidt. Pons dirige o filme que, por sinal, inaugura no Brasil o gênero policial. Para estrelar essa película de grande sentido dramático foi contratada Leonora Amar, que veio do México especialmente para filmar em S. Bernardo do Campo, nos estúdios da Vera Cruz. Anselmo Duarte é o galã de Leonora Amar, sendo esta a primeira vez que a estrêla brasileira do cinema mexicano aparece na tela ao lado do grande galã. Ziembinski e Paulo Autran destacam-se dentre os demais intérpretes de «Veneno».

A HISTÓRIA

A bela espôsa de um grande industrial desaparece sem que ninguém saiba. Seu espôso (Anselmo Duarte) a substitui por uma cantora de «cabaret», cuja semelhança física é absoluta. E assim ninguém fica sabendo que Hugo, o indus











ENO

trial, a havia assassinado, iludindo a todos com uma substituta em tudo parecida com a vítima.



Na segunda parte da fita a sósia da mulher do rico industrial desconfia do crime, auxiliada por uma série de fatos estranhos e termina por convencer-se de que vive com um assassino perigoso. Hugo, para impedir que sua companheira o denuncie com alguma declaração imprudente, tenta convencê-la de que ela é vítima de alucinações e, recorrendo a amigos antigos, procura dar a idéia à sua nova companheira de que ela está ficando louca. E inúmeros amigos do casal vêm contribuir, sem suspeitar que estão colaborando com o perigoso criminoso, para convencer a substituta da vítima de que realmente está com a saúde mental abalada.

E assim a intriga da história ganha em dinamismo e interêsse, com situações de riquíssima invenção novelesca até o desfecho que constitui, pelo seu interêsse e ansiedade com que é aguardado, a clássica chave dos filmes e da literatura policial.







o fã pergunta: "A CENA" responde

Wilson Nogueira Rodrigues (Distrito Federal) — "... qual o endereço de Pier Angeli, onde e quando nasceu e qual seu próximo filme?"

R — Pier Angeli nasceu na ilha da Sardenha, em junho de 1932, mas viveu sempre em Roma desde tenra idade. Seu próximo filme é "Sombrero" com Vittorio Gassman e Yvonne de Carlo. Não nos consta que tenha tido qualquer romance com John Barrymore Jr. e sim com Kirk Douglas. Seu endereço é mesmo o da Metro Goldwyn Mayer, Culver City, Los Angeles, Cal.

J. Gambero (São Paulo) — "... com quem é que Linda Darnell é casada? Desejo saber se as Companhias Cinematográficas Atlântida, Flama e Cinédia aceitam argumentos cinematográficos de Amadores?"

R — 1) Linda Darnell é casada com Pev Marley, mas o casal está tratando de divórcio presentemente. 2) Desde que êsses argumentos ofereçam reais qualidades. Dirija-se às companhias que você ditou.

Renato Oliveira (São Paulo) — "... quando e onde nasceu Ann Sheridan? Qual o filme mais importante de sua carreira?"

R — Ann nasceu em Denton, Texas, no dia 21 de fevereiro de 1915. O filme que lhe deu fama foi "Em cada Coração um Pecado" (King's Row).

Lélio Cunha Pinheiro (Distrito Federal) — "... gostaria de saber alguns dados biográficos sôbre Erich von Stronheim e quais os pontos marcantes de sua vida".

R — Erich Oswald Hans Carl Marie Stronheim von Nordenwal, nasceu no dia 22 de setembro de 1885, em Viena. Destinado por seus pais à carreira das armas, estudou na Academia Militar tendo sido oficial da Guarda Imperial. Emigrou para a América em 1914, onde se iniciou nas artes cênicas. No cinema, tanto se dedicou à direção como à interpretação, sendo a sua filmografia constituída de algumas dezenas de bem sucedidas películas. E' naturalizado americano desde 1926 e seu último filme em Hollywood foi "Crepúsculo dos Deuses" (Sunset Boulevard), 1950, de Billy Wilde, com Gloria Swanson.



O leitor Wilson Nogueira Rodrigues, do Rio, pergunta o endereço de Pier Angeli

Cine-Critica do LEITOR

A decadência artística de Bette Davis

Doloroso se torna, assistir um artista vitorioso, no climax de sua carreira cinematográfica, ir aos poucos apagando a luminosidade de suas letras no «set» com filmes bobos em que nem a boa interpretação salva o mesmo da depressão que está sofrendo. E' o caso de BETTE DAVIS.

Artista cem por cento, sempre apareceu na tela sob a admiração de todos os freqüentadores da sétima arte, mesmo pelos que sòmente apreciavam-na do ponto de vista artistico, pois, para muitos, sempre foi considerada como uma das menos bonitas do cinema americano; mas, fazia gôsto se assistir um filme estrelado pela mesma e, suficiente era ter o seu nome no cartaz, para às escuras, um grande número de pessoas acorrerem logo para assistir um filme seu. No momento, recordo-me de «Jezebel» e «Vitória Amarga», os que valeram pelo sucesso de bilheteria devido à interpretação magistral da grande artista que é a espôsa de Gary Merrill.

Dezenas de filmes semelhantes àqueles citados que contaram com a interpretação de Bette Davis eram uma delícia para nossos olhos e faziam-nos crer que aquela não estava envelhecendo apesar dos anos que se acumulavam de sua permanência no cinema. Mas foi passageiro...

Assisti há pouco tempo aí no Rio «Mulher Maldita» em que a notável Bette trabalha ao lado de Gary Merrill... e, como me decepcionou! Fêz-me em um filme só tirar tantas conclusões a seu respeito... como está acabada! Exagerada, parecendo realmente viver um drama, em que o complexo da velhice a estivesse perseguindo... E, saí revoltada do cinema. Deu-me vontade de, no mesmo momento, poder dizer-lhe: «dê o fora, Mme. Bette, seu tempo já passou»... Mas, fiquei também intrigada pelo motivo dela se deixar levar até êsse ponto, quando sentindo-se sòmente aproveitada em filmes dêsse tipo, faria melhor afastando-se temporàriamente do cinema e retornando em papéis de uma virtuosa matrona...

Como não faria melhor seguindo o exemplo da grande e maravilhosa GARBO, que os anos de afastamento do cinema não a fizeram esquecida, porém, cada vez mais próxima dos fãs e sempre desejada para um novo filme!

Mas a falta de realismo da artista, fêz com que chegasse ao ponto de parecer ridícula e torna-nos

(Cont. na pág. 34)



Bette Davis está artisticamente decadente, na opinião da leitora baiana Rhea Sylvia

Rádio Cena





ODETE, como a maioria das nossas cantoras, sabe escolher os seus vestidos. Que tal êste modêlo, leitoras?



ODETE AMARAL FUGIU PARA CASAR

CANTANDO, NO RÁDIO, HÁ 17 ANOS -- A VIDA SENTIMENTAL DOS ARTISTAS NÃO INTERESSA AO PÚBLICO — PLANOS E PROJETOS DA FESTEJADA SAMBISTA

Reportagem de **Milton Salles** — Fotos de **Alexandre Miranda**

ODETE Amaral é um nome de indiscutível prestígio da música popular brasileira. Vinda de uma época em que a esfusiante Carmen Miranda era uma espécie de dona da popularidade no «broadcasting» indígena, seu prestígio não sofreu nenhum arranhão e sua voz está cada vez mais bonita, cada vez mais deliciosa, apesar de decorridos 17 anos da sua estréia. Entretanto, sem que se encontre justificativa, o nome da festejada criadora de tantos sucessos do nosso gostoso cancioneiro raramente aparece em letra de fôrma, de raro em raro aparece no noticiário radiofônico. Por isso mesmo a nova geração de fãs, é óbvio, desconhece os principais detalhes de sua movimentada carreira na radiofonia guanabarina.

COMEÇOU NA GUANABARA

Antigamente, nos bons tempos, dizem os mais antigos, a Rádio Guanabara era um verdadeiro celeiro de valores. Dali saíam, como de uma fábrica, artistas de todos os matizes, que brilhavam em qualquer emissora, dadas as oportunidades que os seus dirigentes de então ofereciam à gente nova, que queria galgar os degraus da fama radiofônica. E Odete Amaral, carioca de um 28 de abril que não está muito longe, também começou na veterana C-8. Ela, aliás, faz questão de recordar o que foi a sua estréia naquele prefixo:

— Imagine você que, como era natural, eu estava nervosíssima. Suava por todos os poros, temendo não ser aprovada no teste a que seria submetida. Quando o regional atacou — nem queira saber, menino! Fiquei abafada, senti mais calor do que realmente estava fazendo, pensei que ia engasgar e quase pedi para cessar o acompanhamento, pois já estava quase decidida a deixar a prova para outra oportunidade. Mas, dada a boa-vontade da

SEMPRE QUE GRAVA, ela procura ouvir o que perpetuou na cêra para corrigir qualquer possível defeito



LUCINHA, A MAIOR fã da exclusiva da Tupi, não a deixa um só instante. Está sempre em sua casa, para ver «como vai» o seu ídolo

turma do regional, que me atendera com a melhor disposição, resolvi levar a coisa até o fim. Dessa forma, cantei o número inteirinho, tendo, porém, falhado em algumas partes. Quando, porém, acabei de cantar, um dos dirigentes veio à minha presença e, felicitando-me, disse: «Gostei muito de sua interpretação, senhorita Odete. Notadamente daqueles breques.»

A cantora sorri com aquêle jeito muito seu e completa:

— Sabe o que eram os breques?! As tais falhas...

Nova pausa de Odete, um suspiro e·

— Jamais esquecerei o ano de 1935, que assinalou o meu ingresso no rádio, em circunstâncias bem curiosas.

A PRIMEIRA DA NACIONAL

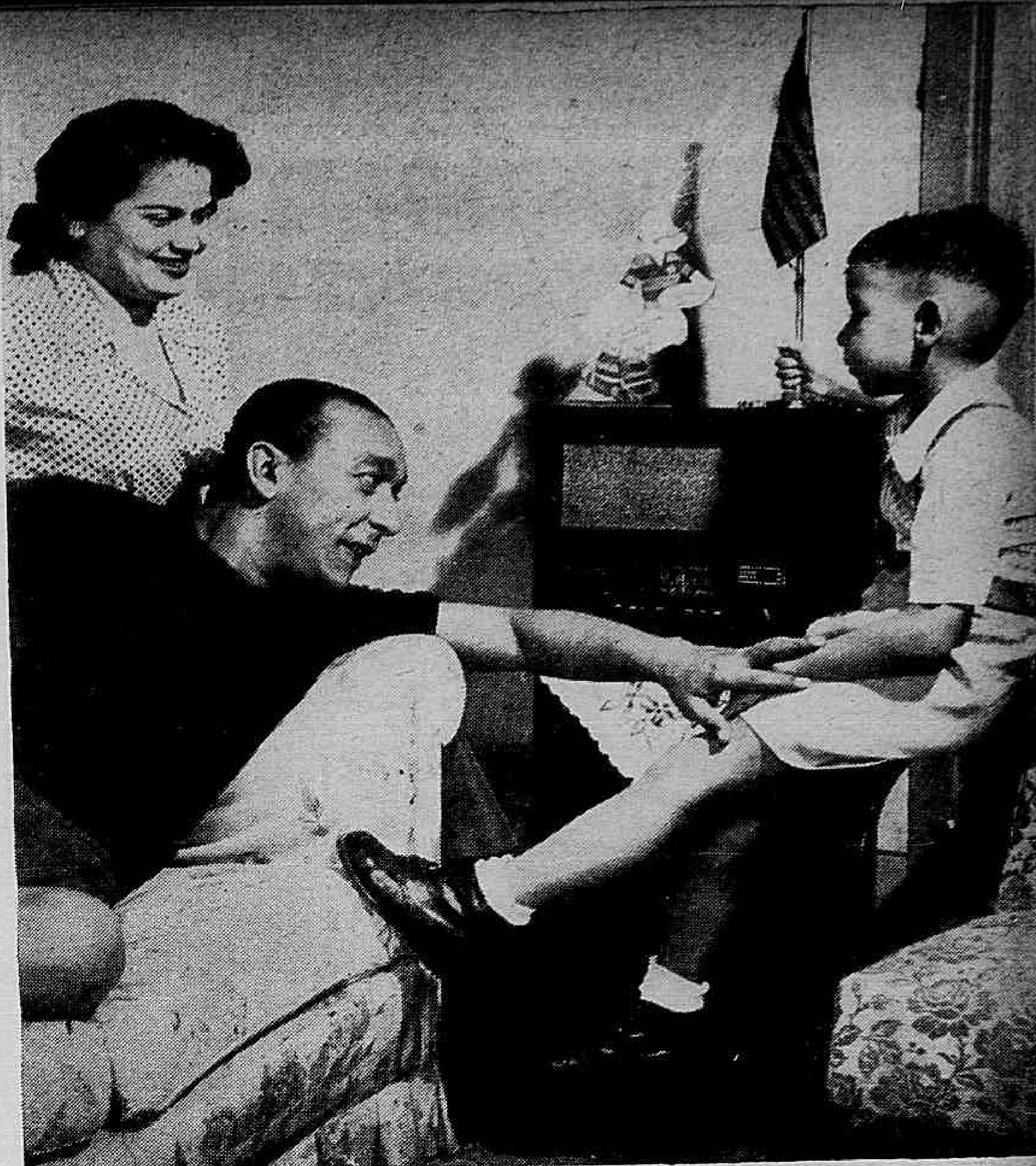
Aprovada que fôra na Guanabara, Odete passou a desfrutar das delícias de possuir excelente material vocal, que todos não cansavam de elogiar. Dêsse modo, passou a atuar em diversas estações radioemissoras, defendendo ineteressantes «cachets». Mas um ano após o seu «debut», pôs um paradeiro nessa vida nômade, firmando contrato de um ano com a Rádio Cruzeiro do Sul, então uma das mais prestigiosas emissoras guanabarinas, possuidora que era de um excelente elenco, onde pontificava êsse fabuloso Paulo Roberto como diretor artístico. Terminado o seu compromisso com a D-2, ela ingressou na Rádio Nacional, onde foi a primeira cantora contratada. Nesse ínterim, realizou uma fuga espetacular para a Paulicéia, onde contraiu núpcias com o sambista Ciro Monteiro, na época um dos grandes cartazes da Rádio Mayrink Veiga.

DEZ ANOS DE MAYRINK

Concluindo seu compromisso com a Nacional, Odete ingressou imediatamente na Rádio Mayrink Veiga, atuando em muitos programas ao lado do marido. Na A-9, querida por todos, sempre cuidando de seu repertório e incluindo-lhe músicas de sucesso, ela atravessou um período fulgurante, tendo figurado no «cast» mairinquiano nada menos de dez anos. Findo êsse período, tornou à Rádio Nacional, onde estêve em evidência durante dois anos, findos os quais passou-se para a Rádio Clube do Brasil e, desta, em julho do corrente ano, transferiu-se para a Rádio Tupi, na qual vem brilhando intensamente, como na fase áurea da Rádio Mayrink Veiga.

VIDA SENTIMENTAL

Odete recorda êstes fatos para o repórter e depois, inopinadamente, fita um ponto indefinível. Em que estaria pensando? Em Ciro Monteiro, no espôso, de quem se separou e ao lado do qual atuou durante muitos anos?



QUANDO SE REPETIRA esta cena? Os fãs querem ver Odete, Ciro e o «Chincha» — único filho dêles — juntos novamente

Fizemos a pergunta. Odete saiu pela porta sempre aberta pela qual os artistas fogem nos momentos embaraçosos.

— Estou pensando nos meus compromissos artísticos.

Insistimos no assunto. Quisemos saber por que não fazia as pazes com o «Formigão», por que não voltavam a ser como nos tempos idos.

A exclusiva da Tupi, sem se perturbar, sem perder aquela linha que todos elogiam, contesta:

— Desculpe-me se não presto nenhum esclarecimento sôbre o caso, mas sou de opinião que a vida sentimental dos artistas, os nossos casos particulares, não deve interessar ao grande público. Se assim fôsse, se as coisas que nos dizem respeito fôssem motivo de interêsse para os fãs, e daí se originasse a nossa popularidade, não valeria a pena ser artista, não valeria a pena perder horas e horas em ensaios estafantes para apresentar alguma coisa de novo a êsse mesmo público.

PLANOS E OUTRAS COISAS

Nova pausa. Nova pergunta do repórter:

— Planos, Odete?

(Cont. na pág. 34)



ODETE CANTA há 17 anos no rádio, mas a sua voz é como o vinho: quanto mais velha, melhor



O MAIOR PRAZER da cantora é, quando regressa a casa — ani na estação do Riachuelo — brincar com os seus três gatinhos



PARA ESTAR bem informada com o que acontece diàriamente, Odete, tôda noite, cola os ouvidos ao receptor



A HISTÓRIA DE EDU DA GAITA

UM EXEMPLO PARA OS QUE DESEJAM VENCER NA RADIOFONIA

O velho brocardo «querer é poder» ajusta-se como uma luva ao caso de Edú, pois, como executante de um instrumento popular, plebue mesmo, que anda nas mãos de quase todo o mundo, êle, com uma vontade férrea, sòmente encontrada nos grandes idealistas, lutou denodadamente para valorizá-lo e mostrar que da sua pequenina harmônica de bôca poderia extrair magníficos efeitos sonoros, bem como executar as mais difíceis peças musicais.

★

Eduardo Nadruz, êste o nome por inteiro do festejado musicista patrício, nasceu na cidade de Jaguarão, Estado do Rio GGrande do Sul,, a 13 de outubro de 1916. Completou portanto, há dias, 36 anos de idade. Quando êle contava 13 anos, apareceu em sua cidade natal um tal de Charles, uma espécie assim de músico ambulante, que tocava aqui e ali em busca de algum dinheiro para garantir o pão de cada dia. Tocando harmônica de bôca de modo original e com um repertório bem ao gôsto da época, de um momento para outro o menino Eduardo se tornou um dos maiores admiradores do pitoresco artista. E ficou impressionado de uma maneira tal que não sossegou até adquirir um daqueles minúsculos instrumentos. Desde então, passou a azucrinar os ouvidos de todos com a pequena gaita.

★

De espírito aventureiro, sonhando correr mundo como artista, em 1933 arrumou uma pequena bagagem e seguiu para Santos, ali no Estado de São Paulo, para tentar a sorte como gaitista. Queria ser um Charles e ver o seu nome cercado de popularidade. No princípio, entretanto, a coisa foi difícil, pois, para poder viver decentemente, o jovem Eduardo Nadruz teve de trabalhar em alguns cafés, a trôco de minguadas gratificações. Algum tempo depois, em face da impossibilidade de melhorar a sua situação naquela cidade praiana, rumou para a Paulicéia, onde, infelizmente, a sua sorte não foi melhor, pois foi obrigado a continuar mostrando os seus dotes artísticos para os modestos frequentadores de bares e cafés.

★

Disposto a jogar a última cartada, Eduardo Nadruz tomou a mais acertada decisão de sua vida: comprou uma passagem de segunda num noturno da EFCB e veio dar com os costados no Rio. Aqui, a princípio, também não foi favorecido pela sorte, sendo obrigado a tocar harmônica de bôca em plena Galeria Cruzeiro, em troca de pequenas gorjetas. Mas, em 1940, notado que foi pelo Sílvio Caldas, êste levou-o à Rádio Mayrink Veiga, onde foi aprovado com distinção no teste a que foi submetido, passando a atuar com o nome de Edu, por sugestão de César Ladeira, então diretor artístico da PRA-9. Entretanto, por não possuir repertório e vir executando sempre as mesmas músicas, três meses depois êle era dispensando .

★

Com a firme decisão de reencetar sua carreira radiofônica, Edu levou a peito o caso de ampliar o repertório e, assim, pouco depois tornava à Rádio Mayrink Veiga, ficando ali até 1943, ocasião em que excursionou à Argentina, tendo, no regresso, ingressado na Rádio Nacional, a cujo elenco ainda pertence como uma de suas grandes «estrêlas». Edu acaba de gravar o célebre «Moto-Perpétuo», de Paganini, realizando, dêsse modo, um velho anelo.

DISSE-ME-DISSE

Dizem que Waldemar Galvão não está gostando do «Largo da Harmonia», programa do qual êle é locutor e que, por isso, teria dito a um amigo:

— O Ghiaroni precisa mirar-se no exemplo do «Balança mas não cai» para fazer um programa humorístico de sucesso.

★

Fala-se que Raul Longras não durará muito tempo na Rádio Clube. Motivo: Sérgio Vasconcelos não está mais na A-3 para desculpar as suas repetidas mancadas...

★

Há dias, no «hall» do Edifício Cineac, numa roda de radialistas, dizia um elemento de prestígio na Rádio Clube:

— Eu já previa isso. O tal de Sérgio Vasconcelos é um fracasso. Depois de não fazer nada na Rádio Ministério da Educação, estêve na Guanabara, onde também nada fêz. Em seguida, não fêz coisa alguma na Tupi, de onde saiu para ingressar na Rádio Nacional, por injunções políticas, para ser uma figura decorativa, sem fazer coisa alguma. Depois, êle veio para a Rádio Clube, onde o que fêz só pode ser taxado de tolice. Felizmente, descobriram a tempo que êle dava pra coisa...

★

De Carambola está aborrecido com o rádio. Por isso, disse êle, há dias, que tão logo termine o seu contrato com a Tamoio, êle mandará o microfone às favas.

★

Peterpan, há dias, deu um baile na Emilinha. Esta o ameaçou, dizendo que chamaria o seu Romeu para darlhe uma lição. O compositor nem deu pelota...

★

Comenta-se que o maestro Roberto Inglês não fêz referências elogiosas à voz de Dalva de Oliveira, o que desgostou bastante a estrêla da Tupi...

MR. KILOCYCLO

DAQUI, DALI, DACOLÁ

Reassumiu suas atividades na Rádio Tamoio, após longo período de licença, o locutor Sebastião Braga.

★

No horário das 15 horas, de segunda a sábado, em substituição à «Melodia da Saudade», a Rádio Tamoio está apresentando «O filho pródigo», novela de Aldo Madureira, inspirada na célebre obra de Hal Caine.

★

Os programas de Manoel Barcelos e de César de Alencar continuam a ser apresentados, às quintas-feiras e sábados, respectivamente, do Teatro João Caetano, por ainda não estar totalmente desimpedido o auditório da Nacional.

★

Conforme anunciamos em absoluta primeira mão, a cantora Dalva de Oliveira e o seu marido, Tito Climent, firmaram contrato com as Associadas Cariocas.

★

Assinou contrato com a Rádio Tamoio, onde estreará no próximo dia 23, às 21h. e 30m., o cantor Sílvio Caldas.

★

Seguiu para os Estados Unidos, integrando uma caravana de excursionistas, a cantora Neide Fraga, do elenco da Rádio Record de São Paulo.

★

Reformaram contrato com a Rádio Tupi os seguintes elementos: Hélio Paiva, Orlando Corrêa, Lauro Fabiano, Luísa Nazareth e Amélia Simone.

★

Nos primeiros dias de novembro estreará ao microfone da Rádio Nacional o tenor cubano Manolo Alvarez Mera.

★

Aos apreciadores das composições mexicanas, oferece a Rádio Eldorado um programa diário — «Romance Mexicano». Vai ao ar às 10 horas, com as canções e boleros prediletos dos sintonizadores da ZYZ-22.

★

O Trio de Ouro está em adiantadas negociações com a Rádio Nacional. Herivelto não quer continuar na mesma emissora onde se encontra Dalva...

★

O programa «Os pombinhos da Favela», que a Tamoio levava ao ar, diàriamente, às 20h. e 25m., está sendo apresentado, de segunda a sexta-feira, às 15h. e 25m.

★

A Rádio Eldorado lançou um programa diário fadado a grande êxito. Trata-se de «A Itália canta para você», que vai ao ar às 17h. e 15m. Pena é que a Rádio Cruzeiro já venha apresentando um programa com o mesmo título há vários meses...

★

«Memórias de uma pecadora» (Páginas de um diário) é a novela de Alcides Viana que a Rádio Tamoio está apresentando, diàriamente, exceto aos domingos, às 20 horas, com Márcia Gonçalves vivendo o principal papel.

★

O «Trem da Alegria» está «trafegando» agora pela faixa da Rádio Mayrink Veiga, em face da mudança de direção da Rádio Clube do Brasil.

★

O sr. Paulo de Carvalho, diretor proprietário das «Emissoras Unidas», encaminhou o pedido de registro de uma nova estação que se chamará Emissora Francisco Alves, em homenagem ao grande cantor tràgicamente desaparecido.

★

Correm insistentes boatos sôbre o retôrno de Orlando Silva à Rádio Nacional.

★

Luís Brunini, ao que se afirma, será o novo gerente da Rádio Globo. Promoção mais do que merecida.

★

Júlio Cozi, que já estêve à testa da PRA-3 com grande sucesso, deverá ocupar o pôsto de diretor superintendente da Rádio Clube.

★

Francisco Canaro, que está de viagem marcada para o Brasil, deverá realizar nova temporada numa grande emissora carioca e, possìvelmente,, na Televisão.

PONTOS de VISTA

— «Dalva de Oliveira saiu da Nacional. Única e exclusivamente por indisciplina». — **Linda Batista**.

— «Está muito viva na alma da gente a dor da tragédia de Francisco Alves para se fazer um carnaval em sua homenagem». — **Nestor de Holanda**.

— «A discoteca da Rádio Jornal do Brasil está bastante obsoleta. E' preciso renovar, a fim de que os ouvinte sintonizem a estação com mais assiduidade». — **Aldrighi**.

— «Meu encontro com a Vera Cruz não me causou entusiasmo ou decepção, pois, sempre que a procuro, alcanço-a tal como a escutei pela última vez: modesta, discreta, sem dar confiança ao progresso». — **Mag**.

— «Júlio Louzada não deveria fazer outra coisa senão dar conselhos e falar na hora da «Ave Maria». — **A. F. Luna**

— «As flores que Rui de Mascarenhas trouxe para depositar no túmulo de Francisco Alves, não são apenas flores de Portugal, mas, antes, flores do coração do povo português». — **Aluízio Rocha**.



Num ensaio do «Policial N-9», vemos os rádio-atores Otton Corrêa, Joel Monteiro, Carlos Devaldo, Carla Belmont, Willi Pires, Sandra Ribeiro, Hélio Cardoso, Flávio Fontoura e Hélio Marinho

CUIDADO COM A RÁDIO DA POLÍCIA

A EMISSORA DO D.F.S.P. RECEBE CARTAS DE TODO O MUNDO — COMO SURGIU O SEU DEPARTAMENTO DE RÁDIO-TEATRO — A PRN-9, GRAÇAS AOS SEUS BEM FEITOS PROGRAMAS, ESTÁ ROUBANDO OUVINTES DE OUTROS PREFIXOS

Reportagem de JORGE DE PAULA - Fotos de HÉLIO BRITO

Ainda que pareça incrível, a emissora mais democrática do mundo (podemos dizer a **emissora da boa vontade**), está instalada no **casarão** da Polícia Central. Dizemos democrática, porque nela não dão acolhida a pistolões e a lindas criaturas travestidas de cantoras. Quem tem valor é logo aproveitado, do contrário vai rodando. Na PRN-9 não existe a tradicional «cortina de ferro» tão em voga nos prefixos citadinos, pois seu diretor, M.J. Cardoso, é adepto ferrenho da renovação de valores.

E' natural que muitos cariocas não conheçam a Difusora do DFSP, devido, sem dúvida, a ela só transmitir suas programações em ondas curtas. Entretanto, sua correspondência é procedente de quase todo o mundo, excetuando-se sòmente Japão e China.

★

A N-9 surgiu ao tempo da gestão Pereira Lira, com o prefixo PYZ-2, e se destinava a irradiar noticiário e gravações. O estúdio era o gabinete do esforçado M.J. Cardoso. (Calcule-se o ambiente de nervosismo que reinava quando o locutor Clóvis Cardoso iniciava a leitura de textos e anunciava os números musicais. Um cochichozinho e estava tudo perdido.) Apesar das precaríssimas instalações, a Z-2 foi entrando pelo Brasil e pelo mundo a dentro e cada vez mais aumentava o número de ouvintes. O tempo foi vencendo as distâncias. Houve séria mudança na política e a Difusora continuou levando música e noticiário aos lares do mundo. Na administração Lima Câmara a PYZ-2 teve, finalmente, o grande impulso de que estava carecendo. Assim, a 8 de dezembro de 50, a Z-2 ganhou instalações novas: um estúdio, tècnicamente confeccionado e uma sala para a técnica e, melhor ainda: ganhou um novo prefixo: PRN-9! Dêsse dia em diante, começou a transmitir como uma emissora moderna, com programas culturais, noticiosos e educativos. Desnecessário será dizer que a correspondência tenha triplicado e dado muita dor de cabeça a seus selecionadores.

★

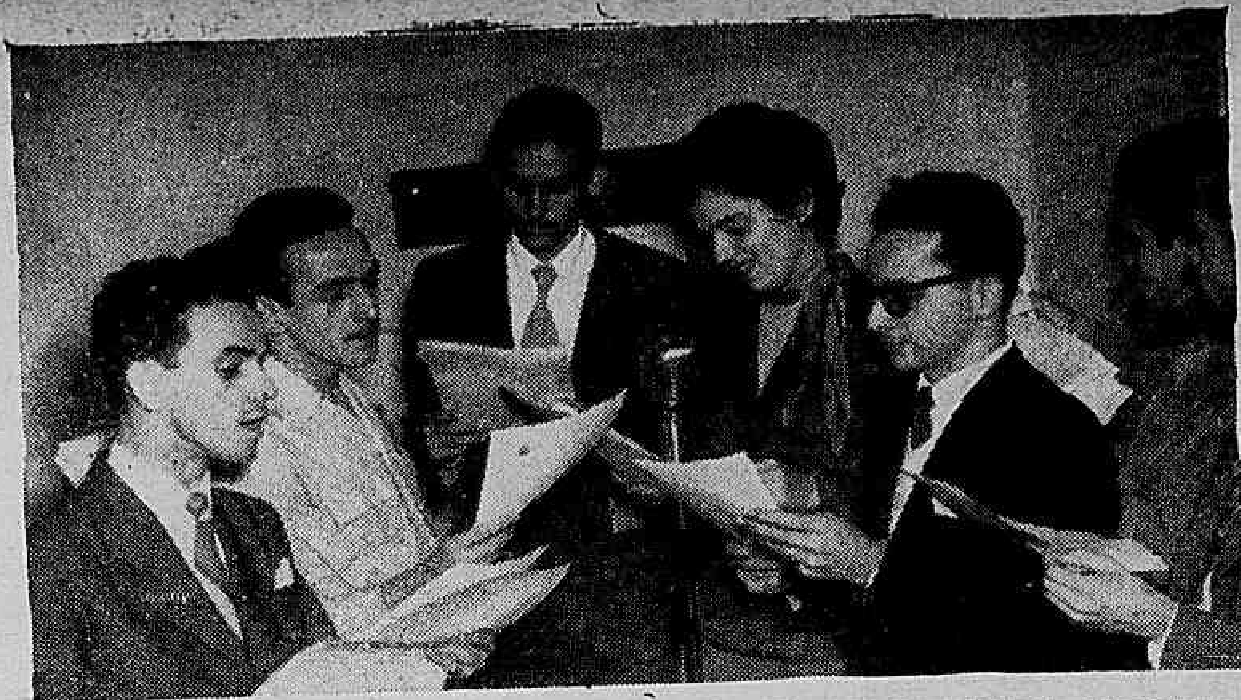
No princípio dêste 52, para comandar a nova linha de programações da N-9, o «boss» M.J. Cardoso convidou



O diretor M.J. Cardoso em sua mesa de trabalho



D. Walda, a locutora oficial da N-9, que apresenta diàriamente, às 17 horas, o ouvidíssimo «Variedades»



Hélio Cardoso, Carlos Devaldo, Ivan Silva, Sandra Ribeiro, Flávio Fontoura, Otton Corrêa e Hélio Marinho fazem pose para o Brito frente a um microfone

o minúsculo (?) Antônio Cursatti, que logo pôs mãos à obra e iniciou um movimento maior na programação da Difusora. E vozes novas foram surgindo nas audições noturnas. Sônia Nunes, Edi Lara, Iracema Leme, Isaura Santos, Serradinho, Sandra Mara, Orlando Dias, Sandra Amazonas, Mota Cabral, Jack Johnny, Moacir Nascimento deram início a quartos-de-hora ao microfone N-9. A dupla Cardoso-Cursatti ficava cada vez mais satisfeita com a equipe que comandava.

★

Mas, faltava alguma coisa. Sim, leitores, faltava o principal: o rádio-teatro. Era um grilo permanente na cabeça da dupla. Um dia receberam um telefonema. Eram jovens que, sabedores da boa recepção das ondas curtas da Difusora, desejavam atuar como rádio-atores. Foi um estouro. Cursatti, com seus dois metros de altura, intimou o comparecimento da rapaziada à Central de Polícia. Dias depois, chefiado por Otton Corrêa e Ildelindo Carvalho, dava entrada no gabinete do contente Cardoso o grupo que comporia o novo Departamento da PRN-9. As negociações, em bases satisfatórias para as duas partes, foram fechadas e surgiu o rádio-teatro na emissora da polícia. E, sinceramente, êle não fica devendo nada ao de muita estação grande (no tamanho)...



Fredman Ribeiro, Célia Cordeiro, Gilda Santos, Hélio Marinho e Sarita Costa, ensaiam, sob as vistas de Washington Fernandes e Otton Corrêa, o «Bahia, terra que encanta»

No impedimento de Ildelindo Carvalho, sonoplasta e ensaiador da N-9, os espetáculos têm sido dirigidos por Otton Corrêea e Flávio Fontoura; assim mesmo, Ildelindo continua fazendo a sonoplastia, por sinal bem apurada, de acôrdo com seu bom gôsto musical. Otton encarrega-se do «Vamos falar de amor», de Milton Salles, às quartas e sextas-feiras, às 21 hs., e do «Histórias que a vida escreveu», às quintas-feiras, às 20,25; e Flávio, devido a seus compromissos teatrais, sòmente dirige o «Policial N-9», às têrças, às 20,25 horas.

Integram, com destaque, a equipe de rádio-teatro da Difusora as figuras valorosas de Carla Belmont, seguríssima ingênua de primeira linha e locutora agradável; Hélio Marinho e Hélio Cardoso, os «centros» marcantes da N-9; Ivan Silva, cínico apreciável; Willi Pires, narrador e ótimo criador de tipos; Sandra Ribeiro, Rubiára e Carmélia Alcântara, criam agradàvelmente os mais diversos tipos; e mais Joel Monteiro, Carlos Devaldo e Celso Dória, o contra-regra do conjunto. Otton Corrêa e Flávio Fontoura também criam os «mocinhos» e outros tipos nos programas especializados.

Na sonotécnica, atuam Fernando Vale, De Morais e Afrânio Maciel, sempre a contento.

★

Os autores dos «scripts» irradiados são Milton Salles, Ildelindo Carvalho, Flávio Fontoura, Otton Corrêa, Washington Fernandes e Carla Belmont. Todos têm agradado inteiramente pela maneira como desenvolvem suas histórias sempre atraentes.

Washington Fernandes, que é também compositor de renome, produz o têrça-feirino «Bahia, terra que encanta», que é interpretado por Célia Cordeiro, Gilda Santos, Fredman Ribeiro, Sarita Costa, Hélio Marinho, Celso Dória e tem a supervisão de Otton Corrêa.

★

Pelo que vimos acima, a PRN-9 está com sua programação ativíssima e a dupla Cursatti-Cardoso ainda espera melhorá-la muito mais, pois já olha com bons olhos a instalação em prédio mais amplo, a construção de novos estúdios e um grande auditório. Isso, entretanto, só se dará após receberem autorização para atuar com maior potência em ondas curtas e longas.



Otton Corrêa e Washington Fernandes dão vida ao «Bahia, terra que encanta». Reparem a seriedade do Washington...



Antônio Cursatti responde à vasta correspondência da PRN-9



CONCRETIZANDO UMA IDÉIA feliz de Aerton Perlingeiro, acaba de ser criado o «Dircinha Batista Fã Clube», que congregará os admiradores da popular cantora. Reparem como a turma está em ponto de bala

DIRCINHA JÁ TEM A SUA TORCIDA

COMEÇOU CANTANDO COM A IDADE DE SEIS ANOS — O SEGRÊDO DE CATIVAR OS FÃS — CANTANDO EM DUAS GRANDES EMISSORAS — CRIADO O "DIRCINHA FÃ CLUBE" — CURIOSIDADES

Reportagem de M. CORREA - Fotos de ALBERTO FERREIRA LIMA

Dircinha Batista fêz o seu "debut" em público com a idade de seis anos, tomando parte no "show" que Raul Roulien apresentava no Teatro Santana, lá em São Paulo. Foi ainda na capital bandeirante a sua estréia ao microfone da antiga Rádio Educadora. No princípio — pasmem, leitores — interpretou diversas melodias de Linda Batista, sua irmã muito amada.



A TORCIDA DA CRIADORA de «Senhora» em ação. Mirem as ventarolas com o retrato da patrona do novo «Fã Clube»

MOMENTO EMOCIONANTE para a festejada vocalista: Dircinha recebe a faixa do grêmio. Estava fundado o «Dircinha Batista Fã Clube»!





DIRCINHA canta, eufórica, para o álacre auditório da Rádio Clube

Da Paulicéia, a famosa criadora de "Nunca" e de tantas outras melodias de sucesso veio para o Rio, ingressando na Tupi — naquele tempo localizada num velho pardieiro, no bairro de Santo Cristo — onde percebia "cachets" de 30 cruzeiros por atuação. Não era lá grande coisa, mas dava para os gastos essenciais. Depois, com a evolução do "broadcasting", passou por diversos prefixos e foi tendo aumentos sucessivos, sendo hoje uma das cantoras mais bem pagas e de maior prestígio no rádio brasileiro.

★

A intérprete de "Senhora", versão brasileira de um famoso bolero, professa o catolicismo, embora, devido aos seus múltiplos afazeres, não possa freqüentar a igreja com a desejada assiduidade. Como boa católica, ela tem devoção por numerosos santos (será mêdo de descontentar algum?), entre os quais São José, cuja imagem está colocada à porta do seu magnífico apartamento, localizado ali na Praia do Flamengo.

★

Dircinha, bem como a sua irmã Linda, tem sido vítima de alguns repórteres apressados que, de quando em vez, inadvertidamente, lhe aumentam a idade, trocando o ano do seu nascimento. A popular estrêla, a quem o "slogan" de "A fôrça revolucionária da música popular brasileira" cabe perfeitamente, nasceu no dia 7 de abril de 1924 e não em 1922, como vinha sendo publicado. Façam as contas e vejam quantos anos ela conta atualmente. Depois, tomem nota da data para, no próximo, mandar-lhe um presente...

★

A correspondência da filha do saudoso Batista Júnior é uma das mais vultosas do nosso "broadcasting". Diàriamente lhe chegam cartas de todos os pontos do país — e até do estrangeiro! — com pedidos de fotos, declarações de amor, solicitações de letras e que tais. Dircinha responde uma por uma, empregando nesse mister grande parte dos seus raros momentos de lazer. Êste, amigos, é o segrêdo de cativar os fãs e manter uma grande legião de admiradores.

★

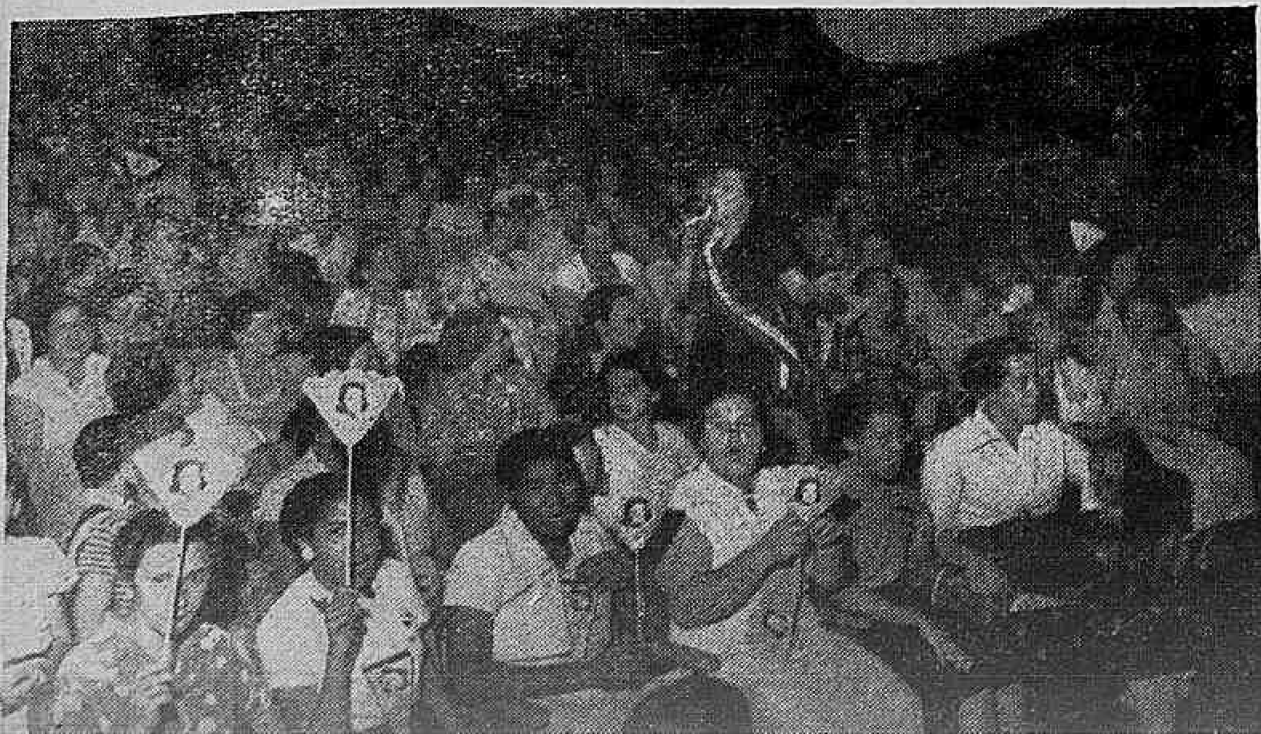
Como é sabido, Dircinha Batista é uma das poliglotas do nosso rádio, falando com desembaraço e segurança meia dúzia de idiomas. Por isso não lhe é difícil cantar em francês ou em qualquer outra língua. Prova disso ela já deu em diversas audições, onde interpretou diversas canções gaulesas com a mesma classe com que canta os nossos bonitos sambas. É ou não é uma vocalista completa, essa morena simpaticíssima?

★

Dircinha, atualmente, por fôrça de um acôrdo firmado entre as Rádios Clube do Brasil e Nacional, vem atuando com grande sucesso em ambas. Na primeira, além de estrelar o programa "Recepção", produção dêsse talentoso "broadcaster" que é Eugênio Lyra Filho, no qual ela homenageia um compositor em cada apresentação, brilha igualmente em outras audições. Por outro, na Rádio Nacional, ela empresta o brilho do seu concurso a diversas audições de categoria, como à "Revista", produção de Haroldo Barbosa, "De conversa em conversa", trabalho cem por cento de Lourival Marques, e a outros cujos nomes nos escapam no momento.

(Cont. na pág. 34)

DEMOCRÁTICA, CEM POR CENTO, Dircinha foi cantar no meio do auditório, retribuindo, assim, a grande manifestação de que foi alvo





AERTON PERLINGEIRO, venturoso com o sucesso de sua iniciativa, mostra a Dircinha as «corbeilles» ofertadas pelas fãs



ACOMPANHADA por Waldir Azevedo, a querida cantora interpreta o seu grande sucesso do momento: «Senhora»



CHACRINHA MUSICAL

de ABELARDO CHACRINHA BARBOSA

OS DISCOS PREFERIDOS

Por
PAULO PÔRTO

SOU TÃO FELIZ — Samba — Dóris Monteiro.
TEUS OLHOS PEDEM OS MEUS — Beguine — Jorge Goulart.
MATEI — Samba — Gilberto Milfont.
AVE-MARIA NO MORRO — Samba — Trio de Ouro.
DUAS MULHERES E UM HOMEM — Samba — Isaurinha Garcia.
BOIADEIRO — Toada — Luís Gonzaga.
CHEGA MAIS — Samba — Mary Gonçalves.
SIM — Samba — Gilberto Alves.
PROFESSÔRA — Samba — Alcides Gerardy.
QUANDO CHEGA A NOITE Samba — Carmen Costa.

Ernâni Filho apresenta êste mês o bolero «Cinzas», de Luís Bittencourt e José Menezes, e o samba-canção de Elsa Marzulo e Carolina Cardoso de Menezes, «Isto Sim, é Amor». Ernâni Filho está de parabens com êste disco. As músicas são de agrado.

★

A nossa querida Emilinha Borba gravou, com palavras em português de Lourival Faissal, «Bandolins ao Luar» e o samba do seu cunhado, o jovem Peterpan, «Aconteceu». Emilinha canta muito bem os números. A gravação de «Bandolins ao Luar» está excelente. Acompanhamentos de Guio de Morais e Seus Parentes. O samba também recebeu da nossa favorita um carinho todo especial. À criadora de «Filho de Mineiro» os nossos sinceros parabéns. Emilinha, a Teresinha gostou imensamente do presente que até hoje você não mandou. Menina danada de esquecida é esta tal de Emilinha...

Recomendamos para a sua discoteca

HISTÓRIA TRISTE — Samba — Dircinha Batista.
O Baião de Vassouras — Baião — Os Cariocas.
CINZAS — Samba — Ernâni Filho.
MEU SONHO É VOCÊ — Samba — Chiquinho em solo de acordeon.
O RETIRANTE — Baião — Luís Vieira.
DEIXA PRÁ LÁ — Samba — Fernando Barrero.
SE VOLTARES A MIM — Samba — Déo.
EU SEM MARIA — Samba — Alcides Gerardy.
MAMBO CAÇULA — Mambo — Chiquinho e sua orquestra.
SUAS CARTAS DE AMOR — Samba — Lúcia Martins.

O primeiro disco de Carnaval do Trio de Ouro: «Sereno», samba de Herivelto e Nelson Gonçalves, e «Noite Enluarada», samba de Herivelto e o seu compadre, o grande pintor-compositor Heitor dos Prazeres. O novo Trio de Ouro, com a inclusão de Lourdinha Bittencourt, está dando um rendimento notável. Os dois sambas poderão agradar. O Herivelto, no momento, anda pra fora com o seu novo Trio de Ouro. Na ausência do chefe do Trio, a Lourdinha é quem ficou encarregada da distribuição dos discos e do material de propaganda. O Herivelto não perde tempo... o pequenino sabe como deve agir... muito bem...

★

«Beata Mocinha», valsa-romeira de Manèzinho Araújo e Zé Dantas, é a mais recente criação de Luís Gonzaga com As Fulô do Sertão.

★

Para os nossos amigos leitores as últimas dos «Os Cariocas»: «Último Tostão», samba de David Raw e Vitor Simon, compositores paulistas, «Vai», samba de Haroldo Lôbo, Sebastião Gomes e ainda Milton de Oliveira, (muitos outros para uma música de carnaval), «Comigo é Assim», chôro de José Menezes e Luís Bittencourt, «Leviana», bolero de Bororó, e «Baião de Vassouras» baião de Luís Gonzaga e David Nasser.

★

Os Cariocas estão progredindo cada vez mais no mundo dos discos. O simpático Ismael, diretor do conjunto, vem trabalhando com afinco para melhorar cada vez mais a atuação do seu conjunto. As últimas músicas gravadas pelo conjunto da Nacional merecem os nossos aplausos. Bons arranjos vocais. Boa sonoridade. Tècnicamente falando, as gravações também estão bem aprimoradas.

★

Do repertório de Francisco Carlos, a voz apaixonada do Brasil: «Vai Embora», samba; «Mulher de Minha Vida», samba; «Tra-lá-lá», valsa; «Vestido de Noiva», samba; «Rio de Janeiro», samba; e «Anjo da Noite», samba. Dizem que o Chico Carlos anda um pouco aborrecido da vida...

★

Duas músicas de Heleninha Costa para o próximo carnaval: «Barracão», samba de Luís Antônio de Teixeira, e «Não Consigo Esquecer», samba de Geraldo Pereira e Arnaldo Passos. A cantora da franjinha ainda tem quatro músicas para sair.

★

Dizem que Odete Amaral pretende regravar a valsa «Vamos Brincar de Amor», criação de Rui de Almeida.

★

Salve... Salve... Abram alas... aí vem êles... Joel e Gaúcho com duas músicas para as folias de 53. «Virou a Cabeça», samba de Cláudia Sandoval, e «Senhor Cabral», marcha de Pedro Caetano e Cláudia Sandoval. A dupla está feroz... O Joel e o Gaúcho estão dispostos a repetir a mesma façanha dos velhos tempos de «Aurora» e outros grandes sucessos da dupla.

★

Antônio Almeida está satisfeito com o repertório de sua fábrica para o carnaval do ano que vem. Arnaldo Scheneider, como sempre, trabalhando muito.

★

Ademilde Fonseca gravou dois sambas caricaturas para as folias de 53. A nossa Rainha do Chorinho Brasileiro pretende reinar em grande estilo no próximo carnaval.

Dóris Monteiro anda muito sentida... A cantora da trancinha do lado esquerdo não gravou para o carnaval. E' uma pena... tão bonitinha...

★

Neusa Maria gravou o bolero de Sebastião Lima e Lourival Faissal, «Outra Vez», e «Só Penso em Você», uma versão bem trabalhada de Claribalte Passos. A estrelinha da Nacional canta acompanhada de conjunto de «Boite».

★

Gilberto Alves regravou o samba de Noel Rosa «Até Amanhã». Mais alguns números do criador de «Adeus»: «Dia da Criança», «Nunca Mais Digo Adeus» e «Charmaine».

★

Gostamos imensamente da valsa «Maria Dolores, na voz de Carlos Augusto, novo astro da Nacional.

★

Geraldo Pereira e Arnaldo Passos, Klécius Caldas e Armando Cavalcante, Haroldo Lôbo e Milton de Oliveira, Pedro Caetano e Claudionor Cruz, Luís Gonzaga e Zé Dantas, Ari Monteiro e Roberto Martins, formam as mais famosas e mais constantes duplas de compositores do Brasil.

★

Silveira Lima e Joana D'Arc pretendem gravar em dupla para o carnaval. Parece que o Vitali está inclinado a reunir em disco os dois famosos artistas da Tupi...

★

O Alves já começou a sua ronda diária, trabalhando as suas músicas para o próximo carnaval.

★

Anízio Bichara, parceiro de Luís Soberano, está disposto a lançar um novo tipo de propaganda para lançamento de suas músicas.

★

O Milton de Oliveira não está satisfeito. O nosso amigo gravou apenas doze músicas para o carnaval do ano que vem.

★

Carmen Costa e Colé estão reunidos numa música carnavalesca. A nova dupla vai acabar com o baile.

★

Linda Batista gravou um bonito sambadolente de autoria da querida dupla Nássara e Wilson Batista em homenagem a Francisco Alves.

★

«Mundo Mal Dividido», um bonito samba-canção numa esplêndida criação de Roberto Silva, o príncipe do samba. Outra grande criação do cantor da Tupi é, sem dúvida alguma, o samba de Lupicínio Rodrigues, «Ex-Filha de Maria».

QUADRO DE HONRA



Figura hoje em nosso Quadro de Honra a querida dupla do Rádio Brasileiro Joel e Gaúcho. Aos irmãos gêmeos da voz os nossos sinceros parabens pela magnífica atuação da marcha carnavalesca, "Senhor Cabral" de Pedro Caetano e Cláudia Sandoval. A marchinha é bem boa... muito boazinha, bem caprichada, que poderá vir a ser um grande sucesso no carnaval de 1953. Ao Joel e ao Gaúcho as nossas sinceras homenagens.

SUCESSOS DA SEMANA

INDIA — Guaraina — Cascatinha e Inhana (Dupla paulista).
SENHORA — Bolero — Versão brasileira — Dircinha Batista.
FIM DE COMÉDIA e KALU — Samba e baião — Ataulfo Alves e Humberto Teixeira — Dalva de Oliveira.
MANO A MANO — Tango — Versão brasileira — Albertinho Fortuna.
NOSTALGIAS — Tango — Versão brasileira — Orlando Correia.
TELEFONISTA — Samba — David Násser e Francisco Alves — Nelson Gonçalves.
BAIÃO SERENATA — Baião — Klécius Caldas e Armando Cacalcante — Heleninha Costa.
POR QUANTO TEMPO — Bolero — Marino Pinto — Waldyr Calmon e seu conjunto.
SOU TÃO FELIZ — Samba — Peterpan — Dóris Monteiro.
A MÚSICA QUE EU NÃO OUVI — Samba — Ismael Neto e Renê Bittencourt — Emilinha Borba.

Para Você Cantar

I'M IN THE MOOD FOR LOVE

Orquestra de Peter Yorke

I'm in the mood for love
Simply because you're near me
Funny but when you're near me
I'm in the mood for love
Heaven is in your eyes
Bright as the stars we're under
Oh, is it any wonder
I'm in the mood for love
Why should we think of whether
Our little dream might fade
We'll put our hearts together
Now we are one,
I'm not afraid
What if there's a moon above
If it should rain we'll let it
But for tonight forget it
I'm in the mood for love.

★

MOONLIGHT BAY

Gravação de Doris Day
e Gordon Mc Rae

We were sailing along
On moonlight bay
We could hear the voices singing
They seem to say
You have stolen my heart
Now don't go away
As we sang «Love's old Sweet Song»
On moonlight bay.

★

EMBRACEABLE YOU

Gravação de Doris Day

Embrace me my sweet embraceable
[you
Embrace me my irreplaceable you
When I look at you my heart
Grows tipsy in me
You and you alone bring out the
Gypsy in me
Above all the many charms about
[you
Above all I want my arms about you
Don't be a naughty baby
Come to papa, come to papa, do
My sweet embraceable you.

★

THE LOVLIEST NIGHT OF THE YEAR

Gravação de Ann Blyth

When you are in love
It's the lovliest night of the year
Stars twinkle above
And you can almost touch them
[from here
Words fall into rhyme
Anything you are holding me near
When you are in love
It's the lovliest night of the year
Waltzing along in the blue
Like a breeze drifting over the sand
Thrilled by the wonder of you
And the wonderful touch of your
[hand
My heart starts to beat
Like a child when a birthday is near
So kiss me my sweet
It's the lovliest night of the year.

WITH A SONG IN MY HEART

Gravação de Doris Day

With a song in my heart
I behold your adorable face
Just a song at the start
But it soon was a hymn to your grace
When the music swells
I'm touching your hand
It tells that you're standing near me
And at the sound of your voice
Heaven opens its portals to me
Can I help but rejoice
That a song such as ours came to be
But I always knew
I would live life through
With a song in my heart
For you.

★

I ONLY HAVE EYES FOR YOU

Peter Yorke

Are the stars out tonight
I don't know if it's cloudy or bright
For I only have eyes for you, dear
The mon maybe high
But I don't see a cloud in the sky
For I only have eyes for you
I don't know if I'm in a garden
Or on a crowded avenue
You are here, so am I
Although millions of people pass by
They all disappear from view
And I only have eyes for you.

★

I APOLOGIZE

Melódico de Hoffman, Goodhart e Nelson. Gravações de Billy Eckstine, Don Cherry e Tony Martin.

If I told a lie, if I made you cry,
When I said goodbye, I'm sorry,
From the bottom of my heart, dear,
I apologize.
If I caused you pain, I know I'm
[to blame,
Must have been insane, believe,
From the bottom of my heart, dear,
I apologize.
I realize I've been unfair to you
Please let me make amend,
Don't say that you forgot the love
[we knew
After all we were more than friends...
If I've made you blue, I've had
[heartaches too
Now I beg of you, Forgive me!
From the bottom of my heart, dear,
I apologize.
Give me back the glance, give me
[back romance
Give me one more chance.
Forgive me!
From the bottom of my heart, dear,
I apologize...

★

TOO YOUNG

Nat Cole

They try to tell us
We're too young
Too young to really
Be in love
They say that love's a word
A word we only heard
But can't begin to know
The meaning of
And yet we're not
Too young to know
This love will last
Though years may go
And then some day
They may recall
We were not too young
At all.

CADEIRA VAZIA

(Samba)

De **Lupiscínio Rodrigues**

Gravação de **Francisco Alves**

Entra meu amor fica a vontade
E diz com sinceridade
O que desejas de mim
Entra, pode entrar a casa é tua
Já que cansaste de viver na rua
Que teus sonhos chegaram ao fim
Eu sofri demais quando partiste
Passei tantas horas tristes
Que nem devo lembrar êsse dia.

II

Mas de uma coisa podes ter
[certeza
Que teu lugar aqui na minha
[mesa
Tua cadeira ainda está vazia
Tu és a filha pródiga que volta
Procurando em minha porta
O que o mundo não te deu
E faz de conta que sou teu
[paisinho
A esperar por um carinho teu.

III

Voltaste, estás bem, estou con-
[tente
Só me encontraste muito dife-
[rente
Vou te falar de todo coração
Não te darei carinho nem afeto
Mas pra te abrigar podes ocupar
[meu teto
Pra te alimentar podes comer
[meu pão.

★

AO OUVIR ESTA CANÇÃO

(Fox-Canção)

De **José Maria de Abreu** e

Francisco Matoso

Gravação de **Francisco Alves**

Porque te foste agora
Quando eu mais te queria
Roubando a alegria
A um coração que chora...
Eu fiquei só... pensando...
Cheio de nostalgia
Para o passado... olhando
Fiz esta melodia.

Ao ouvir esta canção
Hás de pensar em mim, então
Tendo a recordação
De um passado de esplendor
O romance que foi nosso amor
E também relembrarei
Do grande amor que eu te dei
Dos castelos que sonhei
Colocando em sonhos vãos
Meu destino em tuas mãos
Sentirás a minha ausência
E em uma tarde fria
Hás de notar vazia,
Sem amor, tua existência.
Nessa tarde voltarás
Realizando ideais
E meu coração me diz
Nesse dia ou nunca mais,
Que eu só serei feliz.

AINDA UMA VEZ

(Fox-Canção)
De **José Maria de Abreu** e
Francisco Matoso
Gravação de **Francisco Alves**

Ainda uma vez
Procuro te encontrar
Só para te dizer que eu não posso
Que não quero e que nem devo te
[olvidar...
Ainda uma vez
Quisera te beijar
Tal qual antigamente sob a luz
[suave
E meiga de um romântico luar
Ainda uma vez
Eu sei que hás de voltar
Então nós ficaremos para sempre
Para sempre, bem juntinhos a
[sonhar.

Eu guardo a ilusão
De que ainda me crês
Meu coração alegre diz:
Serei feliz
Ainda uma vez!

★

CHUVA DE VERÃO

(Samba)

De **Fernando Lôbo**
Gravação de **Francisco Alves**

Podemos ser amigos simples-
[mente,
Coisas de amor, nunca mais
Amôres do passado no presente
Repetem velhos temas e banais
Ressentimentos passam como o
[vento

São coisas do momento
São chuvas de verão
Trazer uma aflição dentro do
[peito
E' dar vida a um defeito
Que se cura com a razão.
Estranha no meu peito
Estranha na minh'alma
Agora eu vivo em calma
Não te conheço mais
Podemos ser amigos, simples-
[mente
Amigos, simplesmente e nada
[mais.

★

SEJAS BEM FELIZ

(Bolero)

Versão de **Navid Nasser**
Música de **Frederico Bueno**
Gravação de **Francisco Alves**

Não te culpo e até francamente
Agradeço o favor
Pois te amando mais tarde eu
[seria
Mendigo de amor
Segue a vida no rumo distante
Bem longe do meu
A tua alma não soube querer
Como te quero eu.

Não te culpo nem vou suplicar
Que tu voltes para mim
Tu bem sabes e eu sei também
Que o melhor é assim
Muito embora mereças desprêzo
Não guardo rancor
Pois te amando mais tarde eu
[seria
Mendigo de amor.

Não creia que sinto despeito
Ao ver que te afastas
Se me deixas por um novo amor
Te deixo também
E nesse momento escuta
O que minh'alma diz
Segue teu novo caminho
E sejas bem feliz.

RÁDIO NOVELA

de JOSÉ FERNANDES

AS ROSAS de MARIA ANGÉLICA

CAPÍTULO VIII

. . . .

Para o espírito arguto de Padre Luís, o que acontecera com as rosas de Maria Angélica era u'a manifestação da Providência. Acreditava que a menina era dotada de poderes sobrenaturais e desejava ardentemente que seus pais a compreendessem e não à torturassem tanto. Aliás, o velho Mendes sempre estivera do seu lado, embora não pudesse compreender a razão daqueles mistérios. Malvina é que a maltratara muito, exigindo dela a confissão do roubo do dinheiro. Maria Angélica foi à igreja a fim de se encontrar com a bela senhora que lhe comprara as flores, e quando voltou a casa...

. . . .

MENDES (Bondoso) — Minha filha... venha cá. Preciso falar com você.

MARIA (Medrosa) — Que é, papai?

MENDES — Venha... sente-se aqui. Assim. Não tenha mêdo. Não vou lhe fazer mal algum. Queria apenas que você me contasse direitinho êsse caso das rosas... da senhora bonita que as comprou e lhe deu tanto dinheiro... Você compreende... Por mim, eu acredito em você... mas a sua mãe... ela pensa que êsse dinheiro foi roubado... E isso é muito feio, minha filha. Vamos... conte ao papai como foi que isso aconteceu. Mas fale a verdade.

MARIA — O senhor não acredita que aquela senhora me comprou as rosas?

MENDES — Mas por tanto dinheiro, meu bem?... (Num leve sorriso) — E as rosas estão lá no jardim. Só se você não as apanhou tôdas...

MARIA (Tristinha) — Apanhei, sim... Até fiquei muito triste por isso. Eu gostava tanto delas... (Mais viva) — Ficava conversando com elas... Elas tambem falavam comigo, papai!

MENDES — E que é que elas lhe diziam?

MARIA — Muita coisa. Aquela branca, espuma-do-mar, me chamava de sua irmã, dizendo que a minha alma era branca como as suas pétalas. A rosa, côr-de-rosa mesmo, dizia que era da côr dos meus sonhos... E a outra, a vermelha... (Tristinha) a vermelha sempre me falava de coisas tristes... de dor... de sangue. Com ela eu não gostava muito de conversar, não. (Meiga) — O senhor acredita em mim, papai?

MENDES (Atordoado) — Não sei, minha filha... não sei. Tudo isso é muito estranho... muito esquisito. Você não seria capaz de um mal feito... (Com dificuldade) — mas tudo é contra você... Sua mãe está muito zangada... e vai ser muito ruim se os outros ficarem sabendo disso. Sempre fomos muito pobres, minha filha... mas isso nunca aconteceu na nossa família!

MARIA — Quer dizer que... o senhor pensa que estou inventando tudo isso?... O senhor não responde... é porque é verdade. (Soluça) — Pode me bater, papai... eu mereço...

MENDES (Contendo-se) — Vá lá para dentro, Maria Angélica... Vá ficar com a sua irmã... ela está muito doente.

. . . .

MENDES (Num suspiro) — Oh, meu Deus... ilumine o meu espírito... para que eu possa compreender êsse mistério! (Angústia) — Que aconteceu à minha filha, Senhor? Que se passa naquela cabecinha loura cujo pensamento eu não posso devassar? Tenha piedade de mim... e não me deixe cometer uma injustiça!...

. . . .

MARIA (Tristinha) — Está melhor, Glorinha?

GLORINHA (Débil, muito mal) — Não... Vou morrer, Maria Angélica.

MARIA — Não... não diga isso, meu bem... Você não pode morrer...

GLORINHA — Estou muito mal... minha vista já está ficando escura... e tem hora que tudo fica esquisito... como se eu estivesse sonhando com os olhos abertos... (Soluço na voz) — Estou com muito mêdo, Maria Angélica...

MARIA — Não fique assim não. Isso passa... Se não fôsse a mamãe, o papai já tinha comprado o remédio para você. (Triste) — Mas ela não quer deixar... diz que foi roubado...

GLORINHA — Então ela quer que eu morra...

MARIA — Não é isso não, Glorinha... Ela até gosta mais de você do que de mim... E' porque ela pensa que depois alguém vem cá reclamar...

GLORINHA — Ah. Você foi à igreja?

MARIA (Lembra-se) — Ah, fui, sim. Estava esquecendo de contar a você. Fui lá... e imagine quem eu encontrei?

GLORINHA — Ela?

MARIA — Sim... ela mesma. Eu estava ajoelhada no altar da minha madrinha, quando ela chegou. Ia passando ali perto e resolveu entrar para ver se eu tinha levado as flores que lhe havia prometido ..

GLORINHA — Que sorte, hein?

MARIA — E'. Falei com ela... Expliquei tudo que aconteceu aqui em casa... e ela prometeu me ajudar.

GLORINHA — Como?... Será que ela pode fazer alguma coisa?

MARIA (Pensativa) — Não sei... (Perdendo-se de si mesma) — Eu acho que... que... (Pausa — uma idéia) — Glorinha!

....

GLORINHA — (Leve susto) — Ahn? O que é?

MARIA — Glorinha... eu já sei... eu já sei o que vou fazer!

GLORINHA — O que é, Maria Angélica?

MARIA — Você vai ver! Olhe... eu vou falar com o papai .. e agora mesmo você terá o remédio para tomar... Agora mesmo!

GLORINHA (Ansiosa) — Me conte o que, por favor!

MARIA (De longe) — Depois... depois eu conto.

....

MALVINA (Nervosa) — E' preciso dar um jeito, Mendes... Assim é que não pode ficar! Os meninos até esta hora sem comer!...

MENDES — (Desalentado) — Que posso fazer, Malvina?

MALVINA — Que posso fazer! Que posso fazer! Não sabe dizer outra coisa? Por que não foi procurar trabalho o tempo que ficou aqui pajeando a gente?

MENDES — Ora, eu não podia deixar a menina nesse estado e sair para rua! Não há trabalho... muitos como eu estão desempregados...

MALVINA — Então por isso vamos ficar nesta situação tôda a vida? Até quando? Eu já não tenho jeito para pedir nada aos vizinhos. Estão cansados de nos emprestar as coisas... e nunca pagamos... (Revoltada) — E a nossa filha morrendo naquele quarto, só porque não temos dinheiro para comprar remédio!

MENDES — Não fale assim, Malvina... E' um mau agouro...

MALVINA — Ora!

MENDES (Para si mesmo) — E pensar que temos tanto dinheiro em casa... e não podemos gastá-lo...

....

Enquanto isso, em seu quarto e ajoelhada diante da imagem da Virgem, Maria Angélica lhe faz uma oração e pede ardentemente o seu auxílio. Tem uma esperança no olhar e sua expressão denota grande ansiedade...

MARIA — Faça isso por mim Senhora... eu lhe peço. Sei que é muita coisa... e é difícil... mas é só esta vez. Eu não pedirei mais nada! Papai está precisando de dinheiro... não há nada em casa para comer... e Glorinha está cada vez pior. Se a Senhora me ajudar... fizer o que eu pedi... tudo se arranjará.

....

MALVINA (Continuando a cena) — Faça alguma coisa, Mendes... Vamos... mexa-se daí!

MENDES (Desorientado) — Que posso fazer, Malvina?... Quer me esgotar a paciência até me ver louco?

MALVINA (Irada) — Que é, Maria Angélica?

MARIA (Tímida) — Papai... eu quero falar com o senhor.

MALVINA (Irônica) — Ah! Um segrêdo!... Quer que eu me retire?

MENDES — Malvina... por que ridicularizar tanto a menina. Que é, minha filha?

MARIA — A senhora pode escutar, mamãe. Papai... eu quero contar ao senhor como foi que aquilo aconteceu... aquêle caso do dinheiro.

MALVINA — Ahn. Até que enfim resolveu confessar...

MENDES (Impaciente) — Deixe a menina em paz, Malvina. Que coisa! Fale, Maria Angélica.

MARIA — Papai... (meio indecisa) — ... eu não vendi as rosas para a senhora bonita que encontrei hoje. Era mentira... eu estava brincando com o senhor.

MENDES (Sem se alterar) — Brincando comigo? Por que?

MARIA — Eu estava com mêdo do senhor não acreditar na verdade... e inventei aquilo.

MENDES — E qual é a verdade?

MARIA — O dinheiro é dela, sabe?... Tinha deixado êle cair na rua. Eu achei, e quando fui entregar, ela me disse que podia guardá-lo comigo até ela vir buscar. Eu não queria trazer não... porque fiquei com mêdo do senhor pensar que eu o tinha tirado de alguém...

MENDES — Sim... E depois?

MARIA — Depois... (Indecisa) — Depois... eu falei que o senhor estava precisando de dinheiro... e que a Glorinha estava doente... aí ela me disse que se até o momento em que o relógio daqui batesse dez horas ela ainda não tivesse vindo, o dinheiro podia ficar para nós...

MALVINA - MENDES — Hein? Como é?

MARIA (Embaraçada) — Pois é... ela falou, papai, que o dinheiro seria nosso, se até às dez horas ela ainda não tivesse chegado...

MALVINA (Irônica — Perversa) — Às dez horas... neste relógio?

MENDES (Complacente) — Dez horas, minha filha. Êste relógio está parado há muito tempo... desde que você nasceu. Parou justamente nas dez horas e nunca mais andou...

MALVINA (Explode) — Mas será possível, Mendes, que você não vê que esta menina está inventando coisas?

MARIA (Amedrontada) — Eu juro que é verdade, mamãe!

MALVINA — Não jure coisa nenhuma! (Agarrando-a) — Sua ordinária!

MARIA (Geme — Começa a chorar).

MALVINA — Isso é pra você aprender a vir fazer a gente de bôba!

MENDES (Reage) — Malvina, que é isso?

. . . .

MALVINA (Soltando-a) — Ordinária. Depois nós vamos acertar as contas.

Quando fala o CORAÇÃO

ZENAIDE (Rio) — Minha filha, ainda é muito cedo para você começar a ter aborrecimentos. Treze anos é a idade ideal para os folguedos próprios da idade, para estudar e não para estar pensando em namorados. Não fique triste, por isso, pois é para o seu próprio bem.

★

ELY (S. Paulo) — Se você não tem coragem para declarar-se, escreva-lhe uma cartinha dizendo de seu amor por ela. E aguarde os resultados, que espero sejam satisfatórios.

★

CARIOQUINHA APAIXONADO — Faça ver-lhe que não fica bem para ela estar conversando com rapazes. Se ela insistir, o melhor é esquecê-la por uns tempos, até que ela se modifique, caso contrário, siga outro rumo.

★

ROBERTO (Niterói) — Isso não adianta. Vá para fora uns tempos e depois volte com atitudes diferentes, pois do contrário continuará sempre dominado por essa mulher.

★

LUCY (Minas) — Pelo que pude observar, você gosta mesmo é do primeiro. Esqueça o segundo e seja feliz com seu primeiro amor.

★

ANA MARIA — Desista, minha filha. Êle está irremediàvelmente prêso à outra. Você tem méritos bastante para ser feliz com outro.

★

ROSEMARY (Rio) — Posso afirmar que êle não gosta de você. Caso contrário, êle não viveria mentindo, dizendo que não tem tempo, que está muito atarefado, etc., a ponto de passar meses sem vê-la.

★

REGINA MARIA (Teresópolis) — Diante de sua atitude não tenho nada a aconselhá-la e sim reconhecer que você é de fato uma criatura de juízo. Você não podia proceder de outra maneira. Parabéns.

★

ORLANDO (Paraná) — Talvez seja pela pouca idade de sua namorada que a família está-se opondo ao casamento. Convém esperar mais alguns anos, que também lhe serão úteis, pois poderá observar se essa moça merece de fato seu sacrifício.

★

APAIXONADO (S. Paulo) — Antes de mais nada faça uma análise conscientemente em todo tempo passado. Se você se certificar que de fato continua amando essa criatura, então não espere mais. Mas, seja sincero consigo mesmo.

★

ESTELITA (Rio) — Não, minha filha. Não vacile. Você está atordoada pelas palavras bonitas e presentes dêsse homem que afinal de contas é casado. Fuja enquanto há tempo. Pois essas palavras que você julga sinceras e cobertas de amor, êle já deve ter dito muitas vêzes a outras. Escreva sempre que precisar de conselhos.

★

BRANCA (Estado do Rio) — Faça ver-lhe com palavras carinhosas que êle se está prejudicando entregando-se ao vício dessa maneira. Se você discutar, gritar e ameaçá-lo êle continuará da mesma forma. Isso é uma questão muito delicada.

Rádio Social

OUTRO CASAMENTO

O Orlando Batista, aquêle interessante locutor esportivo da Rádio Mauá, também vai contrair núpcias. O seu enlace matrimonial com a Srta. Lindalva Alves Ribeiro será realizado no dia 8 do mês de novembro vindouro, às 17h. e 45m., na Igreja do Mosteiro de São Bento. Tia Laura, que recebeu amável convite, não faltará à cerimônia religiosa do casamento do jovem Orlando.

DE CARAMBOLA CONTA TEMPO...

O festejado radiator De Carambola, que tem vivido tantos papéis de sucesso nos espetáculos de teatro cego da Tamoio, comemorará mais um aniversário natalício no próximo dia 7 de novembro. Prepare os guaranás e os salgadinhos, ouviu, Carambola?

NÃO É VERDADE

Apesar de alguns murmúrios que se fizeram ouvir nos corredores das Associadas, Tia Laura está apta a informar que a cegonha não está planejando pousar no apartamento de Cordélia Santos e José Viana. A verdade é que a ave pernalta não quer nada com êles, por enquanto...

PERSEGUIÇÃO...

O galã Américo Silva, uma das grandes descobertas do gordinho Luiz Quirino, está sendo alvo de tenaz perseguição de uma companheira de emissora. Êle, entretanto, não quer nada...

NÃO ACREDITEM

Embora o lépido Oliveira Neto diga que não ficou noivo, não acreditem nêle, minhas sobrinhas. O vitorioso produtor de "Confidências" roubou o coração de uma linda paranaense, que já veio ao Rio duas vêzes por causa dêle...

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ......

Preço para todo o Brasil Cr$ 50.00

CORPO ESBELTO E FACEIRO!

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso.

A DECADÊNCIA ARTÍSTICA...

(Cont. da pág. 20)

enfurecidos, revoltados contra a inconsciência do diretor e auto-crítica da estrêla em se deixar filmar naquele gênero, em atitudes sumamente histéricas.

E para se ver o contraste das cousas na vida, enquanto ela exaspera, revolta e inspira dó ao mesmo tempo, o seu espôso, o notável Gary Merrill entusiasma, brilha e rouba tôdas as cenas em que aparece. E' um dos novos lançados por Hollywood que tem se revelado um assombro, não deixando temer concorrência a um Humphrey Bogart, Gregory Peck ou Dana Andrews.

Se me fôsse dado o direito de apelar, pediria à Bette Davis que não se deixasse levar pelos diretores e sòmente interpretasse papéis que não a tornassem irritáveis para os seus próprios admiradores.

Entretanto, resta a esperança de divergência de opiniões...

RHEA SYLVIA

Salvador, outubro de 1952.

A MORTE DO...

(Cont. da pág. 17)

Mas, já não tinha sido construída essa varanda, há tanto tempo? Ficou confuso.

«Como é então que vocês vêm vivendo, mamãe? Como é que conseguem passar?»

«Eu já lhe digo como» disse Linda. «Êle tem que pedir emprestado ao Charles 50 dólares cada semana e simula para mim que isso é um antigo pagamento de Charles. Mas por quanto tempo pode durar essa situação? E você ainda diz que êle não tem caráter...» Falava como se estivesse quase a chorar. «Que foi feito do amor que você tinha por êle? Tão amigos que vocês eram...»

«Está bem, mamãe. Eu ficarei morando aqui».

«Biff, êle já tentou até suicidar-se. Vivo sobressaltada. No mês passado, por trás da caixa de fusíveis, êle guardou um pedaço de cano... Era pequeno...»

Willy se dirigiu para casa, desatinando de seu caminho. Era necessário por um fim a tal conversa. Ela não devia dizer isso em frente dos filhos...»

Atravessou a porta irresoluta com um olhar colérico.

«Vão a qualquer loja de Boston!» Desafiou as três faces voltadas para êle. «Digam lá que conhecem um tal de Willy Loman e vejam o que acontece!»

«Willy, querido». Linda começou a chorar. «Biff está decidido a ficar».

«Happy bateu nas costas de seu pai, dizendo: «Não é melhor assim, papai?» «Êle já está arranjando tudo. Amanhã irá encontrar-se com Bill Oliver».

Oliver. O nome fêz-lhe lembrar alguma coisa. Biff já trabalhara para Oliver uma vez. E já tinha surgido alguma história sôbre o desaparecimento de material de «basketball».

«Êle sempre disse que me auxiliaria», Biff falava devagar. «Eu gostaria de entrar para o comércio. Talvez até eu consiga levantá-lo...»

Willy sentia-se crescer interiormente. «Mercadoria de esportes, não é?»

«Eu penso que sim», Biff respondeu meio incerto. «Eu conheço alguma coisa nesse ramo».

Happy interveio falando sempre apressado e em alta voz:

«Você e eu, Biff! A família Loman! Faremos exibições em todos os hotéis e muita publicidade. Os Irmãos Loman, puxa!»

«Vocês dois juntos poderão mesmo abarcar todo o mundo civilizado». Willy entusiasmou-se. «Amanhã, porém, quando forem falar com Oliver não vão em mangas de camisa. Usem uma roupa apresentável. Procurem andar sèriamente e não inventem dizer brincadeiras. Todo mundo gosta de um gracejador. Mas ninguém lhe empresta dinheiro. Quanto é que vocês vão pedir?»

Biff parecia um pouco aborrecido. «Puxa! Eu ainda nem tinha imaginado...»

«Não diga «Puxa» que isso é uma expressão de criança. Eu não censuro do que você diz, mas como você diz. Lembre-se que a personalidade sempre nos servirá um dia para alguma coisa». Lá estava êle novamente a dar bons modos aos filhos. Aliás, a conversa amigável fêz parar o calor da discussão anterior. Como, porém, êle não sabia.

No quarto de dormir, Linda acabara de acalmá-lo completamente. Ao lado dela, êle murmurava ainda algo que teria que dizer a Biff pela manhã, Biff tinha tôdas as espécies de nobreza em seu coração. Êle estava certo disso.



«Lembra-se daquela partida de futebol em Ebbet Fields?» — perguntou, «no campeonato colegial da cidade?» «Lembra-se como êle acenava para mim lá no campo? E como a multidão o aplaudia aos gritos de Loman! Loman! Loman!»

Linda falou com timidez. «Willy querido, que é que êle tem contra você?»

Willy ficou espantado. Seu rosto empalidecia. E virou-se para o outro lado...

(Continua no próximo número)

ODETE AMARAL...

(Cont. da pág. 23)

— Quem não os tem? Os meus, porém, não são tão extraordinários assim que causem sensação. Não gosto de voar muito alto...

— Fale-nos alguma coisa dêles.

— Todos, como os de todos os artistas, prendem-se à minha carreira. Quer ver? Planejo, por exemplo, excursionar às principais cidades brasileiras; almejo atuar com mais assiduidade na Televisão Tupi; anelo gravar um sucesso carnavalesco — um só; e ver o meu filho feito homem e feliz.

E, encerrando a palestra:

— Viu só? Planos de artista não passa disso...

"PONTO FINAL"

(Cont. da pág. 12)

novamente para o Sanatório de Alcoóletras onde poderiam curar-se...

Oscar fica completamente sobressaltado. Kurt se retira, mas propositadamente esquece o seu embrulho de bebidas...

Noites depois, Kurt está numa «boite» com Britt. O garçon avisa-o de que o telefone o aguarda. E' Esther. Marcam uma entrevista para o dia seguinte. Britt que nesse momento fôra buscar seu casaco de peles, ouve o que diz Kurt e enervada, acusa-o de infiel e leviano. Britt volta para casa em prantos.

Oscar e Maya estão novamente entregues ao vício da bebida! E' quase impossível ao escritor atender ao telefone, quando êste tilinta. Era o chefe da redação pedindo-lhe sua colaboração para o dia seguinte. Oscar balbucia e o outro ouvindo sua voz entrecortada de soluços, pressente que Oscar esteja bêbado e despede-o. Desesperado, Oscar resolve dar fim a sua existência, bem como a de sua mulher, a quem impôs o vício da bebida... Abre as torneiras do gás e deita-se junto da espôsa...

No dia seguinte, Kurt vai visitar a avó, a sra. Bergholtz. Após um breve circunlóquio, o neto dá a notícia infausta para a pobre senhora e esta não suportando aquêle rude golpe, tem um colapso e falece.

Durante o funeral, Kurt e Britt, se encontram novamente. Êle lhe promete, solenemente, deixar a «outra» e mais uma vez, Britt, acredita em suas palavras. Chegando em casa a jovem anuncia a sua mãe a intenção de desposar Kurt, cousa que anunciaria no dia seguinte, no jantar íntimo que seria oferecido na mansão da sra. Bergholtz aos hóspedes que haviam vindo ao seu funeral. Esther, descontrolada, diz tôda a verdade para a filha e afirma que não desistirá de Kurt por hipótese alguma...

Kurt chega a casa de Einar e recebe dêste uma considerável quantia, naturalmente, dada de má vontade. Logo depois, Kurt vai a casa de Britt, mas a criada, Ana, avisa-o de que a senhorita havia ido para a capital, mas que a sra. Esther o aguardava. Numa entrevista cheia de lances dramáticos, Esther e Kurt põe a claro a situação entre êles. Ela já é uma mulher madura, enquanto que êle, jovem e sedento de amor de uma mulher jovem como Britt... Ela joga-lhe em cara o seu inetrêsse na herança por receber e êle se retira.

Deixando Esther, Kurt toma o seu carro e sai em disparada para a estação, onde Britt aguarda o trem para Copenhague. O trem já está de viagem, já havia partido... Kurt sabe que tem argumentação fácil e que Britt o ama, prevendo, portanto, uma reconciliação fácil.

Em louca disparada segue pelas estradas afora. Já divisa as luzes do último comboio. Em seu olhar brilha uma furtiva esperança. Imprime mais velocidade, pisa no acelerador, mas numa curva súbita, seu carro se choca violenta e espetacularmente com um caminhão, sofrendo morte instantânea.

Havia alcançado o «Ponto Final» nos seus planos ambiciosos!

DIRCINHA JÁ TEM A SUA...

(Cont. da pág. 28)

Agora, graças à louvável iniciativa dêsse dinâmico Aerton Perlingeiro, acaba de ser fundado, no auditório da Rádio Clube do Brasil, numa das últimas audições de "Fim de Semana" — programa que é a menina dos olhos daquele simpático animador de auditórios — vem de ser fundado o "Dircinha Batista Fã Clube", associação que, como o próprio nome indica, congregará todos os admiradores da interessante cantora. Isso, em última análise, vem demonstrar à saciedade que não é só Marlene, Emilinha ou Dalva de Oliveira que têm torcida. Dircinha também tem. E a dela, como se depreende das fotos que ilustram esta reportagem, está disposta a abafar as demais!

O QUE A TELA NÃO MOSTRA

(Cont. da pág. 15)

Claro que não está em nosso alcance mitigar a solidão de Joan Crawford. Mas se estivesse, bem que gostaríamos de fazê-lo... Joan anda queixando-se ùltimamente de viver sòzinha. Outro dia, declarava a um amigo: "às vêzes eu fico tão só em casa que começo a passear pelos quartos e conversar com as paredes". Se não é linguagem figurada, a nossa amiga Crawford vai muito mal...

★

Ensaiando "The Band Wagon", o novo musicolorido da Metro, Fred Astaire tinha que ler uma frase assim: "Já estou satisfeito. Eu não sou Nijinski. Não sou Marlon Brando!" — "E', mas eu queria ser Fred Astaire", respondeu uma voz dos bastidores. A voz era mesmo de Marlon Brando que tinha ido dar uma voltinha por outros palcos de filmagem.

A HORA DA VINGANÇA

(Cont. da pág. 14)

Por êsse tempo, Hutcheson conseguira interessar dois influentes banqueiros na compra de «The Day», a fim de mantê-lo fora do alcance de White. O tribunal declara ser a venda do jornal legal e que a propriedade poderá ser transferida no dia seguinte. Hutcheson telefona o resultado a Allen que lhe pede que vá imediatamente à redação. Ali êle encontra a senhora Schmidt, com os 200.000 que Rienzi dera a sua filha para guardar. Ela também traz o diário de Bessie, no qual Rienzi está incriminado em quase tôdas as páginas. Enquanto Hutcheson prepara a história, Nora entra em seu escritório para lhe dizer que resolvera ficar ao seu lado para sempre... Já as máquinas estão prontar para rodarem quando Rienzi telefone a Hutcheson ameaçando-o de morte caso a história dos 200.000 ou o diário de Bessie sejam publicados. Hutcheson responde deixando-o ouvir o barulho das máquinas e fazendo um sinal aos impressores para continuarem... As máquinas rugem e Hutcheson sente que nem êle nem «The Day» poderão ser destruídos por Rienzi, White, ou qualquer outro... porque uma imprensa livre e os homens que por ela se batem são por demais valiosos para que isso aconteça...

O FÃ PERGUNTA — ACENA RESPONDE

(Cont. da pág. 20)

Marilena (Uberaba) — "... de quem são as músicas de "Sinfonia de Paris?"

R — De George e Ira Gershwin. Eis os títulos das canções: "I Got Rhythm", "Embraceable You", "By Strauss", "Tra-la-la", "It's Wonderful" e "Our Love is Here to Stay". Oscar Levant toca o "Concêrto em Fá". Naturalmente que a obra que deu o título ao filme "Um Americano em Paris" é o principal motivo musical.

Clarisse (Recife) "... quais os filmes que Ingrid Bergman fêz em Hollywood?"

R — "Intermezzo", com Leslie Howard, "O Médico e o Monstro", com Spencer Tracy, "Fúria no Céu", com Robert Montgomery, "Os Quatro Filhos de Adão", "Por Quem os Sinos Dobram", com Gary Cooper, "À Meia Luz", com Charles Boyer, "Mulher Exótica", com Gary Cooper, "Interlúdio", com Gary Grant, "Casablanca", com Humphrey Bogart, "Quando Fala o Coração", com Gregory Peck, "Os Sinos de Santa Maria", com Bing Crosby, "Arco de Triunfo", com Charles Boyer e "Joana D'Arc", com José Ferrer.

Elba Cunha (Distrito Federal) — "... qual o último filme de John Garfield?"

R — "Por Amor Também se Mata" (He ran all the way) 1951, de John Berry, com Shelley Winters.

J.P. Alves (Salvador) — "... quais os últimos filmes de Bette Davis?"

R — "Depois da Tormenta" (Payment on Demand) com Barry Sullivan, de Custis Bernhardt, "Malvada" (All about Eve), de Mackiewicks, "Mulher Maldita" (Another Man's poison), com Gary Merril, de Irving Rapper e "Telefonema de um Estranho" (Phone Call from a Stranger), de Negulesco, com Gary Merril.

TRABALHOS GRÁFICOS

LIVROS E FOLHETOS

Tratar na Companhia Editôra Americana, rua Visconde de Maranguape n.° 15 — Rio. Telefone 22-8647.



O ACASO, UMA IDÉIA E UM SUCESSO

COMO NASCERAM AS GRANDES PRODUÇÕES DE AERTON PERLINGEIRO — A MAIOR MARIA. FOI UMA FRASE DE UM ENGRAÇADINHO NA CINELÂNDIA — A BANCA DE RETALHOS E A CASA BANCÁRIA — A FORRA DO HERDEIRO

Tudo foi obra do acaso. Aerton, certo dia, ia passando pela Cinelândia, quando um dêsses tipos costumeiros de beira de calçada dirigiu-se a uma das pequenas que por ali passava.

— Você é a maior!

A frase ficou na cabeça do Aerton. Vocês sabem o que é a cabeça de um produtor de rádio? Se não sabem nós contamos. E' uma verdadeira gaveta de sapateiro. Ou para ser mais preciso: um cadinho de alquimista medieval, sempre em ebulição, em busca da pedra filosofal. E a pedra filosofal, no caso, é o gôsto público. O produtor de rádio, consciencioso e trabalhador vive a procurar novas e variadas formas de agrado para a diversão daquele que é o seu sustentáculo: o ouvinte de rádio. E se a cabeça de todos os produtores, de um modo geral, funciona dessa maneira, a cabeça de Aerton Perlingeiro, não poderia funcionar de outra forma.





Assim, tão logo a massa cinzenta recebeu a deixa, começou a trabalhar sem descanso. E num instante a idéia tomava corpo que, nessa mesma tarde dava entrada na Rádio Clube, já transformada num programa radiofônico.

A MAIOR MARIA

Aerton não sabia o nome da moça. Mas não existe nos dicionários nome mais própric para definir um sexo que o nome de Maria. E assim o animador milionário resolveu procurar a maior Maria.

Para o gôsto daquele rapaz da Cinelândia aquela que passara era a maior. E Aerton não gosta de discutir nem contraria a opinião alheia Mesmo que não seja idêntica à sua. Cada um tem o direito de pensar como quiser, desde que não interfira em suas atividades, na sua maneira de viver.

Assim Aerton não quis ver gôsto. E preferiu dados estatísticos. Coisa que não pode ser contrariada. E a procura da Maria ficou determinada e delimitada ao registro civil, à certidão de casamento, à fita métrica, ou a outros recursos que não oferecem margem para contestação.

Nessa ocasião nasceu a maior Maria. E com o nascimento da maior Maria nasceu, também, mais um sucesso de Aerton Perlingeiro.

VENDEDOR DE RETALHOS

O número dos sucessos do Aerton Perlingeiro, contam-se pelo número de lançamentos feitos e de novas idéias apresentadas. Foi Aerton o primeiro a aproveitar sua popularidade indiscutível, para trabalhar para os seus anunciantes, de uma forma mais direta, mais impressiva. Um belo dia o nosso amigo resolveu botar a banca. E uma banca de retalhos, anunciando uma das mais conhecids casas do comércio carioca.

Em manga de camisa, gravata borboleta utilizando todo o seu dinamismo e a sua fôrça de convicção, além do prestígio do próprio nome, não foi difícil bater todos os recordes de venda. E de tal forma que, em pouco tempo teve de abandonar a idéia.. Deixá-la de lado. Tudo porque o sucesso foi muito grande. De tal forma que tumultuou os trabalhos da loja. Ninguém mais queria comprar com outra pessoa. Tôdas as freguesas queriam Aerton. E era humanamente impossível atender a tôdas.

BANQUEIRO

Quem foi que viu um milionário não ser banqueiro? Sobretudo um milionário que já tivera uma banca, não poderia deixar de ter um banco. E por isso, um belo dia, apareceu no palco auditório da Rádio Clube, um banco. Uma casa bancária, com «guichet», caixa e tudo. Nome: Casa Bancária Aerton Perlingeiro. E dali daquele «guichet» Aerton pagava todos os prêmios de seu programa milionário: Fim de Semana. Cheques e mais cheques que variavam do milhar de cruzeiros, ao simples e pequenino cruzeirinho. Mas era apresentar o vale na caixa e receber o pagamento.

COMO VOCÊ SE DIVERTE?

Esta é a mais recente das novidades radiofônicas. O nosso Aerton resolveu mostrar ao público do Rio de Janeiro, como êle se deve divertir. E pronto. Instalou sua cátedra no auditório da A-3, e lá está, tôdas as quartas-feiras às 20,30 a ditar lições rápidas e sàbiamente aprendidas pelos ouvintes. Mas não contente com isso tudo, ainda continua com as suas lições, mais tarde, no Ranchinho do Pôsto 6, onde juntamente com Fernando Barreto ensina a clientela a passar noites agradáveis. O seu bingo artístico é um grande achado e as outras novidades nem vale a pena falar. Porque só quem as vê, quem de perto as sente, é que melhor poderá dizer.

E COMO SE DIVERTE AERTON?

Ora... Da melhor maneira possível. Como todo o artista sua maior diversão é o seu próprio trabalho. E sua maior satisfação é ver o seu trabalho compreendido. Mas Aerton tem outras diversões. E uma delas está aí nesta página. E' a comida de colher que o herdeiro sorridente lhe dá na bôca, procurando uma forra dos tempos em que o «velho» forçava as papas e os mingaus.

ALBUM DE

a Cena muda

PARA 1952

Preço Cr$ 25,00

E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. Muitas páginas coloridas embelezam, extraordinàriamente, esta edição do "Album". Páginas de texto com história, notas e informações preciosas. À venda em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior.



COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA-RUA MARANGUAPE, 15-RIO